

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# O JOGO DO AMOR

CONTOS E POEMAS  
VOL II



**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-34441-6**

**2025**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O CÍRCULO DOS DESEJOS PERMITIDOS, POR ALFREDO JOSÉ LOPES COSTA, PÁG. 05

INVISÍVEIS SEXUAIS DINÂMICAS, POR ALFREDO JOSÉ LOPES COSTA, PÁG. 10

AVE-DO-PARAÍSO, POR ANNA LUZ, PÁG. 13

O ÁS, POR AUGUSTO J PONTES, PÁG. 18

TULIPAS ABERTAS, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 23

PODOTERAPIA, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 25

ADOIS.COM - PARTE 1, POR ELEONORA DE SOUZA RAMOS PEREIRA, PÁG. 28

ADOIS.COM - PARTE 2, POR ELEONORA DE SOUZA RAMOS PEREIRA, PÁG. 34

SEM SABER JOGAR, JOGA-SE PARA SER JOGADO, POR LUCIANA FERREIRA DA SILVA,  
PÁG. 37

KARINA, POR LUIZ OTÁVIO D. PINHEIRO, PÁG. 42

A MOÇA DE BRANCO, POR LUIZ OTÁVIO D. PINHEIRO, PÁG. 44

SEI QUE VOU TE AMAR, POR LUIZ OTÁVIO D. PINHEIRO, PÁG. 46

ONDE NUNCA SOMOS, POR MARIA LAURA, PÁG. 49

LIVRE-SE DA SOLIDÃO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 51

ANA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 53

INDISPENSÁVEL, POR SELMA LUANNY, PÁG. 55

EU-BORBOLETA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 57

100 BPM - PARTE 1, POR VALERIA PAGANI, PÁG. 59

100 BPM - PARTE 2, POR VALERIA PAGANI, PÁG. 65

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 76

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# O JOGO DO AMOR

CONTOS E POEMAS

VOL II



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# O Círculo dos desejos permitidos

Por Alfredo José Lopes Costa

O autor é jornalista formado na UFF, escritor, professor de jornalismo na Faculdade de informação e Comunicação da UFG. Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, Mestre em Administração e Mercadologia pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da UFMG e especialista em Marketing pelo Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da UFRJ.

Ana ajustava o vestido justo diante do espelho, uma peça de seda negra que deixava pouco à imaginação. As mãos tremiam levemente, não de medo, mas de antecipação. No celular, a mensagem ainda piscava: "Confirmado para as 22h. Lembre-se: anonimato e respeito são nossas premissas." Era o convite para uma das festas mais exclusivas do circuito entre Brasília e Goiânia, organizada por um casal *promoter*, famoso entre os adeptos do estilo de vida *swinger*.

Ela soubera do evento por um amigo que participava da comunidade, alguém com quem trocara confidências durante um jantar regado a vinho. "Você deveria ir", ele insistira, detalhando o mistério e a sofisticação que cercavam as festas. A curiosidade a venceu. Naquela noite, ela se viu em frente ao espelho, mais desafiadora consigo mesma do que nunca.

O endereço discreto, enviado apenas algumas horas antes, conduzia a uma mansão isolada, escondida entre árvores e cercada por jardins iluminados por tochas. Com sua fachada austera, o imóvel escondia o que de mais profundo se passava dentro. No exterior, a calma da noite contrastava com o furor de desejos, enquanto dentro, cada gesto era uma dança cuidadosamente orquestrada. Nada parecia ser por acaso.

Do lado de fora, os carros de luxo estacionados indicavam o perfil seletivo dos convidados. Um segurança uniformizado abriu o portão sem dizer uma palavra, permitindo a entrada de Ana e guiando-a para um salão cujas luzes neon e música ambiente evocavam um cenário de filme.

No interior, foi recebida por Clara e Rodrigo, os anfitriões, que usavam máscaras venezianas como se encenassem um baile de outros tempos. Clara, com sua máscara veneziana, parecia esconder mais do que um rosto. Ana sentiu que ali, naquele olhar enigmático, havia uma sabedoria adquirida em noites como aquela. Rodrigo, por sua vez, observava tudo com uma calma que confundia. Era como se ele já tivesse visto tudo, e, talvez, já tivesse dado algo de si para que outros experimentassem.

Clara entregou a Ana uma máscara semelhante e um cartão de regras, enfatizando: "Aqui, cada escolha é sua. Nada acontece sem consentimento."

Ana respirou fundo e entrou. A casa tinha uma atmosfera que era ao mesmo tempo acolhedora e provocativa. As paredes decoradas com obras de arte modernas

contrastavam com os sofás de couro e as cortinas de veludo. Garçons elegantemente vestidos circulavam com bandejas de *champagne*, enquanto pequenos grupos conversavam, suas vozes misturando-se ao som da música.

Inicialmente, Ana sentiu leve apreensão, mas, conforme o ambiente à sua volta se desdobrava, uma sensação de liberdade inesperada foi se infiltrando. Havia algo em cada sorriso trocado, em cada olhar furtivo, que a fazia se perguntar: 'Será que estou pronta para me encontrar aqui?'

Ela observava. Os gestos eram refinados, mas os olhares revelavam desejos. Havia algo eletrizante no ambiente – um misto de adrenalina e curiosidade. Ana percebeu que muitos casais se aproximavam com naturalidade, iniciando conversas fluidas que pareciam esconder segundas intenções.

No *lounge* principal, Miguel e Helena chamaram sua atenção. Ele, alto e de presença marcante, tinha um sorriso enigmático; ela, com cabelos loiros presos em um coque elegante, exalava confiança. Ao vê-la sozinha, Helena se aproximou, sua voz suave e acolhedora:

– Você é nova aqui?

Ana hesitou, mas respondeu com sinceridade:

– Primeira vez. Estou um pouco perdida, confesso.

Helena sorriu. – Todos já estivemos aí. Venha, vou te apresentar algumas pessoas.

A conversa aconteceu naturalmente. Miguel logo se juntou a elas, trazendo uma taça de vinho para Ana. Ele explicava, de forma quase didática, as regras que sustentavam aquela comunidade: consentimento, respeito e anonimato. "Aqui, ninguém é forçado a nada. Tudo acontece porque todos querem que aconteça. Tudo é permitido, nada é obrigatório", disse ele, com a certeza de quem repetira aquele discurso muitas vezes.

Com o passar das horas, Ana começou a relaxar. As interações ao seu redor não pareciam vulgares ou descontroladas; pelo contrário, eram cuidadosamente coreografadas, quase como uma dança. A cada novo encontro, via casais que negociavam com palavras ou olhares, delineando os limites do que queriam compartilhar.

Da sala principal, Ana foi conduzida a um jardim externo. Sob as luzes suaves, uma piscina aquecida refletia o brilho das estrelas. Algumas pessoas conversavam ali,

enquanto outras, mais ousadas, já compartilhavam intimidades à vista de todos. Ela hesitou por um momento, sentindo o coração acelerar, até que Helena apareceu ao seu lado novamente.

– É um espaço seguro, Ana. Não precisa fazer nada além do que quiser.

Era um convite e, ao mesmo tempo, um lembrete. Sentindo-se mais confiante, Ana decidiu permanecer ali, observando. O som da água misturava-se às risadas e conversas, criando um cenário hipnotizante.

Mais tarde, já dentro da casa, Miguel as encontrou novamente, trazendo *drinks*. Eles se acomodaram em um canto mais reservado, onde a conversa tomou um rumo mais pessoal. Miguel falou sobre como ele e Helena descobriram o swing, enquanto Helena descrevia a liberdade que sentiam em poder viver sem os grilhões das normas tradicionais.

– Não é apenas sobre sexo – explicou Helena, encarando Ana. – É sobre se permitir experimentar e se conectar.

Ana sentia-se atraída pela franqueza deles. Quando Miguel estendeu a mão, ela não hesitou. Juntos, os três se moveram para uma varanda com vista para o jardim iluminado. Lá, sob o céu opaco, os toques começaram. Primeiro tímidos, depois mais intensos. As barreiras foram se dissolvendo lentamente, e Ana percebeu que estava completamente presente naquele momento, livre de qualquer julgamento interno ou externo.

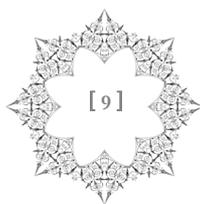
Os toques se tornaram mais ousados, mais íntimos, mais intensos, como se cada um deles representasse a queda de uma barreira interna. Ana percebeu, com um arrepio que a percorreu por inteiro, que não havia mais espaço para dúvida. Estava ali, entregue, mas também inteira, num mundo onde o controle se dissolvia na exata medida em que ela se permitia.

No fim da noite, ao caminhar de volta para o carro, Ana olhou para a mansão pela última vez. Naquele espaço, descobrira não apenas o desejo, mas também algo que ia além: uma comunidade que, em sua aparente transgressão, encontrava uma maneira própria de viver e celebrar a intimidade.

Seu celular vibrou. Uma nova mensagem: "Esperamos que tenha gostado. Até a próxima?" Ela sorriu, digitando a resposta sem hesitar: "Sim."

Na estrada de volta para casa, Ana sentia-se diferente. Algo dentro dela havia mudado, não como uma ruptura, mas como uma expansão. O que vivera naquela noite era mais do que um jogo de sedução; era um vislumbre de um mundo onde as regras eram criadas e negociadas, e o desejo era ao mesmo tempo celebração e desafio.

Não era apenas sobre prazer ou transgressão, mas sobre o reencontro com uma parte dela mesma que, por tanto tempo, vivera aprisionada nas expectativas alheias. O desejo, ali, tinha sido uma chave para um círculo de desejos permitidos, uma porta aberta para algo além, onde as regras não eram impostas, mas negociadas.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

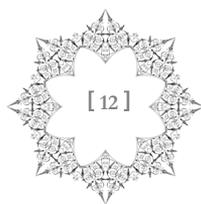
# Invisíveis sexuais dinâmicas

Por Alfredo José Lopes Costa

O autor é jornalista formado na UFF, escritor, professor de jornalismo na Faculdade de Informação e Comunicação da UFG. Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, Mestre em Administração e Mercadologia pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da UFMG e especialista em Marketing pelo Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da UFRJ.

Entre telas e máscaras,  
nasce uma tribo fluida,  
um elo tecido por redes digitais.  
Ali, o desejo encontra código,  
a presença é promessa  
de um encontro que desafia o usual.  
Nas palavras trocadas,  
há um mercado de corpos,  
não de carne e osso,  
mas de narrativas,  
afetos negociados  
como se fossem objetos à venda.  
O swing dança entre rupturas e reafirmações,  
um paradoxo que veste trajes luxuosos  
em festas seletivas,  
onde o prazer é uma moeda  
e a intimidade, um espetáculo restrito.  
No movimento das conexões,  
os paradigmas se desalinham:  
monogamia e normatividade  
tremem à beira do abismo,  
mas não caem completamente.  
Há, nesse teatro de dissidência,  
uma quieta lealdade ao velho.  
Casais trocam parceiros,  
mas preservam alianças.  
O amor livre,  
capturado por estruturas invisíveis.  
Ainda assim, a rebeldia persiste.  
Nos sussurros da rede,  
em festas de corpos entrelaçados,  
a tentativa de escapar

se mistura ao desejo de pertencer.  
E no espelho digital,  
os reflexos contam histórias  
de uma sociedade que consome  
não apenas produtos,  
mas também experiências,  
e, no fim, a si mesma.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Ave-do-Paraíso

Por Anna Luz

Helen Jane Ladeira da Costa, nasceu na primavera de 1973, na cidade de Jacareí/SP, Região Metropolitana do Vale do Paraíba. Desde criança destacou-se pela criatividade em tecer palavras e costurá-las em textos. Se graduou em Direito e após mais de 20 anos advogando, com maturidade e maior capacidade de reflexão crítica, passou a explorar o potencial literário de seus textos.

Ernesto, um vendedor de livros de meia-idade, era um homem solteiro e socialmente visto como uma figura comedida e educada. Seu estilo, um tanto quanto reservado, que afastava eventuais pretendentes, tinha motivo de ser: Ernesto não se sentia atraído, sexualmente falando, por nenhum gênero. Não se tratava de uma abstinência deliberada, nem tinha a ver com castidade, disfunção ou moralidade, porque não era uma decisão, mas uma orientação sexual legítima. Assim a sua libido foi sendo canalizada para os estudos, o que o tornou um intelectual respeitado na comunidade.

Tinha como domicílio um quarto na modesta pensão dos Crisântemos, facilmente reconhecida por sua fachada amarela, onde todos o tratavam carinhosamente por Professor. Quando Ernesto retornava de suas andanças a trabalho, era ali que se recolhia. Vindo de uma família de camponeses, com pais analfabetos, sua trajetória havia sido drasticamente alterada por um episódio familiar singular. Sua mãe havia abandonado o lar quando ele contava 16 anos, levando consigo uma das gêmeas que havia parido há poucas semanas.

Naquela ocasião, Ernesto trabalhava no campo com o pai, e assim seguiria seu destino se não fosse pela partida inesperada de sua mãe. Quando o fato ocorreu, seus irmãos foram distribuídos entre os familiares, enquanto Ernesto ficou aos cuidados de seus padrinhos, os donos da fazenda onde seu pai trabalhava. Percebendo seu potencial, seus padrinhos investiram em sua educação, lhe enviando para estudar na capital.

Ernesto era grato pelas oportunidades que fora agraciado, mas no canto queixoso da alma carregava uma sombra sussurrava saudades. Porém, nos últimos tempos, havia decidido que, em breve, fixaria residência; já não era mais tão jovem e pretendia, enfim, lecionar e interromper suas andanças alimentandas pela esperança de encontrar sua mãe.

Ao chegar de viagem, mal colocou os pés na pousada e já foi atualizado das notícias por Dona Efigênia, a dona da pensão. Não que interessasse a Ernesto a vida alheia, mas apreciava sentar-se à mesa e ouvir as histórias da pensionista, sempre acompanhadas de um bom café com bolo de fubá. A pensionista lhe contou que a jovem Adélia, filha do português da padaria, havia sido devolvida aos pais pelo marido.

— “Falam que as núpcias não se concretizaram após seis meses de casamento” — completou sussurrando.

A jovem Adélia nutria sinceros sentimentos pelo marido, mas não podia suportar a ideia de ser desposada. Sua resistência e seu respeito aos seus limites lhe renderam a vergonha e o abandono.

A história despertou a curiosidade de Ernesto, pois, naquele tempo, a maioria das moças se casavam almejando constituição de uma família, segurança, respeito social; as relações íntimas tinham uma importância secundária e, na maioria das vezes, eram encaradas como fardo tolerável. Por que então Adélia simplesmente não cedeu?

Intrigado com o caso de Adélia, Ernesto resolveu estender sua estadia na cidade. Passou a cercar a residência da moça com a esperança de encontrá-la “casualmente” pelas redondezas.

Lembrava-se da moça, pois tinha uma aparência peculiar: alta, mais do que a média das moças da cidade; tinha uma estrutura corporal farta, com ombros largos e bem definidos. Seu rosto também fugia dos padrões: lábios fartos e queixo proeminente. Pensou em abordá-la, talvez convidá-la para irem a um café. Mas por quê? Ele não fazia ideia.

Mesmo perdido em seus sentimentos, estava firme no intuito em seguir seus instintos. Porém, passaram-se os dias e nada de encontrar a moça; Adélia não saía às ruas, sentia-se presa a grilhões, arrastando o peso do preconceito e julgamento. Ernesto, então, se recordou que já havia vendido alguns livros ao Sr. Manoel, pai de Adélia, um português simpático que apreciava uma boa leitura. Decidiu, então, levar-lhe alguns exemplares, novidades do gênero que o vendera. Bateu palmas no portão e, lá do fundo do quintal, o português de pronto o reconheceu, convidou-lhe para entrar.

Chegando à sala deparou-se com Adélia sentada em um poltrona de frente para uma grande janela que dava para o jardim.

– “Boa tarde!” – disse Ernesto em bom tom, sendo claramente notado.

Enquanto o português foi buscar um frescor, Ernesto tratou de colocar alguns exemplares na mesinha de centro. Adélia, então, deixou de lado o bordado e foi até o professor, sentando-se à sua frente. Ernesto sentiu um aroma amadeirado, terroso,

aconchegante — “seria patchouli ou sândalo” — pensou. Percebendo a lacuna desconfortável que seus pensamentos causaram, retirou rapidamente de sua mala um livro e entregou a Adélia dizendo:

— “Já ouviu falar na Ave-do-Paraíso, Senhora Adélia?”

— “Não, nunca ouvi falar” — Respondeu Adélia inclinando a cabeça como se buscasse a resposta.

Ernesto, então, passou a contar-lhe sobre as peripécias da esplendida ave:

— “Pois bem, o macho depois de cuidadosa e meticulosamente preparar uma "pista de dança", atrai uma fêmea com um chamado. Depois que a fêmea curiosa se aproxima, sua capa de pluma preta dobra e o protetor de peito azul-verde salta para cima e se espalha amplamente e simetricamente ao redor de sua cabeça, instantaneamente transformando a vista frontal do pássaro em uma criatura espetacular em forma de elipse que, rapidamente, encaixa as penas da cauda uma contra a outra, enquanto pula em círculos frenéticos em volta da fêmea” — termina Ernesto apontando a ilustração do livro.

— “Sabe dançar Professor?” — perguntou Adélia sem hesitar.

Ernesto sorriu desconcertado, sacudindo a cabeça em negação. O flerte foi interrompido pela chegada do português, que percebendo o entrosamento entre o professor e a filha perguntou:

— “Então já se conhecem?”.

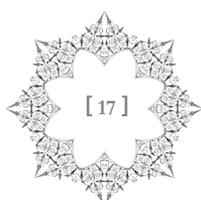
— “Não Senhor!” — Respondeu Ernesto de pronto, como um garoto pego em meio a uma “arte” — “Quer dizer, sim, de vista, claro! Adélia é certamente uma moça difícil de não se notar. Com todo respeito. É que ela é muito alta e...” — uma pausa para respirar — “me perdoem, acho que estou falando demais”.

Ernesto, um homem culto e com um vocabulário rico, viu-se emaranhado nas palavras; mãos suadas; pele corada; um total fiasco. Tentou remediar tamanha confusão direcionando o assunto para os livros. Mas Adélia percebeu, no mal jeito do professor, seu interesse por ela; achou gracioso seu desacerto, que de tanto remendo, disse mais o que queria dizer. Aquela situação lhes renderia muitas risadas no futuro.

Apesar da clara diferença de idade, havia entre ambos uma conexão; uma sintonia; um chamado. Pessoas que nascem acordadas do sincero desejo de fidelidade às suas inclinações, acabam aceitando a margem como caminho e se reconhecem nesse caminho.

Mais do que esperava Ernesto, aquela foi o início de uma história nunca sonhada em seu repertório pessoal. A sombra que o acompanhava se dissipou e uma clareira se abriu, iluminou sua alma e lá estava Adélia.

Da mesma forma Adélia também foi tomada pela surpresa, uma feliz surpresa; libertou-se dos grilhões, já que tomada pela leveza de poder recontar sua história, por caminhos também nunca sonhados, mas agora possíveis.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# O ás

Por Augusto J Pontes

Augusto J Pontes, nascido em 1990, formou-se em Letras em 2017. Começou no mesmo ano a participar de antologias, buscando, na fantasia e na escrita, tecer coesão dos mundos que sentia que necessita urgentemente surgir para que não fique morto no limpo da não-criação.

Quando ele apareceu, eu estava em uma calçada do lado de fora de um quase falido pub da Irlanda. Preenchia o meu tempo e meu 'bicho' com algumas geladas, ainda que sobre gélida madrugada em um subúrbio longe dos grandes espaços comerciais, mas que tinha apelo rústico, castelos medievais em volta, inspirando certa beleza...

Coçando meus botões, sentava sob aquela mesa de madeira antiga que dava ares alternativos àquele bar caído, estudava o velho e o contemporâneo como forma de pensar em algo, manter meu motor queimando em aleatoriedades para passar a manhã mais rápido. Pensava em toda aquela ambiência europeia ali; as mesas, que até eram bonitinhas, mas que também era a única coisa vistosa de lá em termo de decoração. O bar estava na UTI: sem fachada, pintura descascada e tosca. A sorte, deveras, era todo aquele belo cenário. Mesmo assim eu jazia em me contentar, de alguma forma, aquilo servia suficientemente bem de apoio para a minha solidão com as várias bebidas de valor degustativo primoroso. Tomei várias... Duas Guines, uma Stella e algumas outras que não lembro o nome, que comprei ao ser anunciada “promoção de fim de noite”, e, eu logo peguei como se brigasse com o mundo. Afogava as minhas lombrigas, minhas únicas companheiras ali. E seriam as minhas companhias se não acontecesse aquilo, se ele não aparece assim, tão inesperadamente, de supetão.

Como mágica.

Algumas pessoas estavam do lado de fora também, bebendo, comendo e rindo. Todas me ignoravam, o que era completamente normal pra mim. Mas não ignoraram o personagem que acabara de chegar. Todos cessaram os seus assuntos para observar o novo visitante. Ainda havia o somido do grupo que tocava que estranhamente ainda engajava, embora nem tanto, como se denunciasse que o fôlego dos músicos estavam se dissipando, anunciando as últimas canções. Já eram quase cinco. E eu terminava de tragar um cigarro quando me vi hipnotizado por o tal cara, que me encarava antes mesmo de descer do automóvel conversível, deixando o veículo estacionado torto, como se fosse de propósito — John Constantine era o seu nome. E sim! Era um rebelde londrino.

Era em um Dodge V8 americano que ele veio, estava aí “o cara”, que era como minha

mente me elucidava a toda hora como se conhecesse tal celebridade a minha vida toda.

— “Ita Carvalho! Olha esse cara! O cara. O homem chegou! Que homem...” —, chegara roncando o Motor — eu esquecia o sentimento de amor ágape que deveria ter, joguei a tal empatia para algum lugar, e me juntava aqueles muitos que estavam admirando-o como um pedaço de carne apetitoso chegando para diversificar a churrascaria de ‘carne de segunda’ e ser a disputa em um rodízio de famintos.

Bem, sendo gay não dá para não pensar em coisas mórbidas sob aquela cara rústica de uma espécie de ‘Sting da magia’, já que esse tipo de presença aparece algumas vezes em toda a vida de alguém.

Mas ele reservaria a escolha. E ele escolheu a mim. Desceu do carro com classe, demonstrando sua ‘presença’ e ao mesmo tempo o seu motor. O conversível ficou encostado em local proibido, e ele desceu de uma forma tão “cool” em seu estilo de detetive sedutor, que provavelmente ninguém iria perturbá-lo por isso. Todos cochichavam sobre ele. Foi só pôr os pés na calçada externa que, sobrenaturalmente, a atenção de todo o pub lá dentro também viera para fora, para saber “o que era aquilo” — “quem era aquela divindade”. Vieram todos!! Até o Barman! Como sentissem ou adivinhassem sua presença, parecia estar sobre ele algum tipo de mesmerismo. Mas ele olhava para mim — só para mim. E era um cara tão “cool”, à la jogador David Beckham.

“Era demais”, pensei, enamorando-o. Um gay em Dublin sendo sondado pelo olhar do cara mais foda que aquela madrugada tinha para oferecer.

Mas não entendi porque se interessou pela minha presença.

Ele entrou na espelunca e me chamou como se fosse a coisa mais natural do mundo. Era para ele. Disse que pagaria mais uma cerveja e me levou até a parte interna do pub, cujas pessoas voltaram, era como que ele atraísse bovinos no seu tanger invisível.

E eu fui, é claro. As pessoas ficaram enciumadas e as mulheres só faltavam socar-me o estômago, pensando no tipo de desperdício. Alguns homens gays mais ousados falavam alto, referindo-se a mim, mostrando todo o seu ódio a um jovem que, até dois minutos atrás, era ignorado pelos olhares do bar.

Mas entrei com ele, me sentindo invasivo, até, e, sobretudo, com um pequeno sorriso orgulhoso. Ele não parecia ligar para os olhares, nem para o julgamento, seu magnetismo era extraordinário. Sentou-se ao meu lado e puxou assunto, fingindo não

perceber que me acertavam com olhares que pareciam flechas perniciosas, com muito ódio. Estava tímido diante dele, não tinha como não estar. Mas ele não se importou. Lembro-me que a primeira quebrada o gelo do papo foi ele a pedir-me um cigarro, alegando diretamente:

Me dê o seu último, que assim te recompensarei com coisas que você não imagina.

E eu entreguei, totalmente aturdido, pois era realmente o último do maço. Ele reservou o cigarro na orelha. Ainda pensei: será que só fui “escolhido” pela sorte de ter o último cigarro?! Se foi por isso, tirei a sorte grande. Mas ganhamos a simpatia um do outro. John era soturno, de botas e sobretudo. Eu?! Um zé. Ele me introjetou ao seu mundo.

Man, merece aprender umas artes. Está ocupado?! — perguntou com seu sotaque britânico de lorde, que, de alguma forma, combinava com o informal e o selvagem do carro que fora deixada no meio-fio.

Não! — exclamei ansiosamente. — Mas que tipo de arte?

Veja bem, não vai se assustar — ele tomou o cigarro da orelha, levou aos lábios e, ao invés de acender com um isqueiro, acendeu com o próprio dedo. Isso mesmo! Com o dedo! Uma pequena chama saiu da ponta do seu indicador!

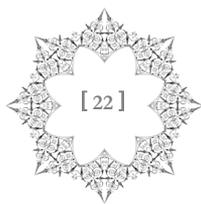
Que truque é esse?

Não é truque, man, é magia, magia de verdade, magia que transforma — disse enquanto bafurava fumaça para o alto, com muito prazer. — O mundo é muito maior do que imagina. E existem pessoas que nasceram com o dom da magia. Você é uma delas. Por que acha que parei neste pub fodido no fim do mundo? Somos semelhantes. Senti de longe. Ponderei um pouco. E saímos do bar, juntos. Entrei no seu Dodge sob os "olhares de laser" de todo o pub. Ele falou alto que ia me proteger da magia e da inveja despejada das outras pessoas, e falou alto mesmo, como se fosse para as pessoas ouvirem. E, depois, me perguntou que tipo de magia queria aprender. Eu disse que não sabia, ainda. E saímos. Depois desse dia, ele me ensinou a porra da magia! Magnetismo, controlar o fogo, incluindo nosso calor interno — foi assim que ele acendeu aquele maldito cigarro no pub —, telepatia e, meu favorito, transformar água em vinho. Nunca mais gasto dinheiro pra ficar bêbado!

Ele não era gay, para meu desatino. Virei seu braço direito e um tipo “chaveirinho de hétero”. Amei platonicamente ele por décadas, nunca disse a ele. Como que alguém como ele precisasse que eu falasse, né? Ele sabia, é claro. Mas mesmo assim era preciso

tomarmos a decisão ulterior que duas almas que se gostam um dia fazem para seguir seu próprio e inevitável caminho. Logo, depois de aprender as certas coisas que eu precisava, tomei meu rumo e nos separamos em definitivo. Ainda lembro dele de costas, fingindo que tava “apanhando” em mandar o audio certo para uma das suas doze namoradas. Ele odiava tecnologia de Smartphones. Mas eu o vi!! Eu o vi com meus ‘olhos de mago’, mesmo de costas, ele não conseguia fingir o imenso esforço que fazia para não chorar a despedida. Ambos sabíamos que nunca mais íamos ver um ao outro. Eu virei um mestre. Mas depois de conhecê-lo, é impossível ser o mesmo de antes.

Eu nunca mais fui o mesmo depois de J.C.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Tulipas abertas

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado( OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Sino orvalhado no rosa e no branco.

Lantejoulas perolantes das gotículas que caem das águas.

Rosicler é o nome da cor esmaecida com o cumprimento da água que encanta:

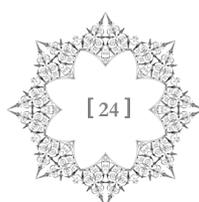
sereno, esse o nome do amado da tulipa, príncipe do encanto dos ósculos.

Formaram um enamorado casal: tulipa e sereno, de tempestuoso romance. O branco interno foi o véu da noiva, de róseas faces.

Sereno, o pai das gotas que beijam, na noite da limpidez das estrelas, foi o pai dos botões que nasceram dessa abençoada união.

**As tulipas abertas foram os rebentos do amor que se consubstanciaram em alegrias do jardim,**

**Eu, o Mesmo.**



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Podoterapia

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

*{jogue-se aos meus pés, pois este é o jogo}*

quero-te aos meus pés  
subindo pelas paredes  
e aos meus pés,  
você, nas alturas e  
meus pés nas tuas mãos.

(deitada ao chão  
e meus pés na tua mão)

agarra-me  
pelos pés com paixão  
e ata-me  
para sempre ao seu coração.

**6!**

anseio-te aos meus pés  
explodindo de desejo,  
aos meus pés,  
você, nas nuvens e  
meus pés no teu beijo.

**9!**

aviva-te  
e viva-me!

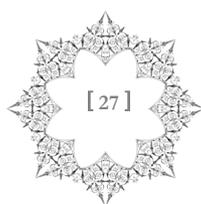
(sentados, nós dois, à mesa  
pelas tuas pernas sobem os pés da sua deusa)

- por mil e um dias...

beija-me  
os pés e  
deixa-me  
ser tua rainha  
por uma ou ainda

- por mil e uma noites...

***MAKTUB***



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# adois.com - Parte 1

Por Eleonora de Souza Ramos Pereira

Paulista e paulistana, Eleonora é a quinta geração de uma família apaixonada por São Paulo.

Marketeira de profissão foi só há quinze anos que, a descobrir o terceiro setor, encontrou sua verdadeira vocação, a de contadora de histórias. E é assim que já há 10 anos trabalha como Voluntária no Hospital Beneficência Portuguesa, a principio só atuando nas alas de pediatria, inclusive do Pronto Socorro e depois, desenvolvendo técnica e repertório, contando histórias para adultos. Na pandemia, Eleonora foi digital. Depois dela, desenvolveu rodas de conversa e oficinas de treinamento para voluntários na Bepe. Leitora voraz, Eleonora escreve contos e crônicas do cotidiano e presentemente está escrevendo as memórias de família, Meus Muitos e Queridos.

Este conto, adois.com foi premiado e finalista na última edição do Talentos da Maturidade.

Fragmentos – breves – de uma relação amorosa

**Quinta, 1º de fevereiro – 23:03**

Serei eu quem você procura, a única e a última? Pelo visto a namorada atual não é, não te preenche... E você, porque continua a busca? Medo de sobrar no baile? Mas sempre tem alguém pra gente, nisso eu acredito, preciso!

Sou paulista, viúva, bonita, cheirosa, com os olhos impossíveis de ressaca de uma Capitu. Mas já há um bom par de anos troquei São Paulo pela quietude das montanhas da Mantiqueira, azuis e frias, construí minha Pasárgada. Antes, ao tempo que resolvi me dar férias, ela (a Pasárgada) ficava numa praia bonita e quase deserta. Chamava-se Malindo, mar+lindo, acabei vendendo, virou pousada. É que o isolamento e a distância de tudo e todos estavam me consumindo como doença ruim. E muito, muito antes, eu era uma executiva estressada e criativa de uma multinacional de publicidade. Até que um dia me dei conta que precisava - ainda - e mais uma vez procurar a Vida, pedi demissão, vendi tudo o que eu tinha e mergulhei fundo nos meus anos sabáticos... Tenho um filho, independente como eu, meu presente de Vida. Adoraria voltar a me apaixonar encontrar o meu derradeiro amor, e que poderia ser você, se calhar. (Falando nisso, vou estar pelo Sul em umas semanas, depois do Carnaval). No mais, sou carinhosa, fiel e espero do meu parceiro igualmente tudo isso, mais a inteligência, e o humor. Ah! E bondade, que é fundamental! Curioso? Escreva pra mim, quem sabe?

**Sexta, 2 de fevereiro – 03h36min**

Meu Chico querido (adorei o nome), li teu e-mail entre atordoada, encantada, fascinada e todos os “adas” que você quiser botar por sua conta. Escrevo mais pra louvar a sabedoria do seu pai em te botar um nome tão doce e bonito. Orion? Nem pensar, ele – o nome – teria te condenado a uma vida de celibato, infeliz, sem conhecer jamais o calor de uma mulher... Já pensou? Aposto que não, porque senão teria lido, nas entrelinhas, sua “bonadicha” (é coisa de cigano, herdei da minha tetravó argentina, cigana guapa, que meu tetravô raptou). Ainda que Chico de Assis na intimidade, teu nome inteiro soa como nome de avenida, com direito a busto de bronze, inauguração, discurso, benção e até banda de

música! Orion não faria a mesma vista, no máximo virava travessa sem direito a placa... E foi assim que você me chegou, desapetrechado de bens e mulheres – assim espero - para quem sabe um dia me encontrar aqui, no frio azul da montanha, e ficarmos nos amando, nos contando histórias, como nos contos de fadas... Você podia me ensinar muito com o seu despojamento, a ser humilde e boa e meiga e quieta com os despossuídos. O santo que te empresta o nome, ele era também um despossuído. E se nada disso te convencer da tua boa sorte - o teu nome e eu - Chico, como boa contadora de histórias, vou pensar numa outra estória, mais feliz, pra te reinventar e te dar de presente. Mas o que me enfeitiçou definitivamente foi o teu conto. Gostei muito. Da história, da maneira de contar, da linguagem, cinematográfica. Detestei a tua militância política, desconfio de políticos e Brasília. O que te salva é o futebol e essa tua sedução literária...

Como você, nasci numa família de classe média. Minha mãe vinha de uma família rica, tradicional e arruinada. Meu pai, um intelectual brilhante, perdeu a fortuna herdada do pai milionário, era um despreparo só para as coisas práticas. Fez carreira acadêmica, vivia num universo particular, de livros, muitos, poesias e teses, tímido – até no afeto - e míope, distante. Sou a terceira filha de um casamento arranjado e infeliz. Meus pais se separaram quando eu mal tinha um ano, minha mãe nunca mais se casou, dizia que era para nós três não ficarmos “faladas” e carregou uma vida de sofrimentos e amarguras, murchou, desperdiçou-se “no-que-os-outros-vão-pensar”? Tenho por ela muita ternura e muita pena, um desperdício! Mas pra chegar nisso precisei superar muita coisa, trabalhar muito, uma infância e juventude de infelicidades, a filha que não fora desejada, minha mãe sempre me repetindo as tentativas frustradas em me abortar e eu crescendo, teimosa, parecida com meu pai e quem, nessas alturas, ela odiava de paixão. Mas eu seguia desabrochando, escondendo a dor e a mágoa atrás da aluna “non plus ultra”, muito alta, muito morena, muito desengraçada, eu, numa família de irmãs lindas, todas tecnicolor, olhos claros, azuis e verdes, cabelos loiros e eu, uma noite. Arrogante, ao lado da minha intelectualidade, passei a cultivar meus pontos fortes, a pele morena, perfeita, o sorriso bonito, os olhos escuros, grandes, o cabelo liso, de índia e me descobri atraente. Mocinha, fazia estragos... E veio a faculdade, o curso de teatro nas tardes de sábado que eu emendava com reuniões do Partido... A maior parte dos meus amigos se engajou na luta armada, mas eu estava ocupada demais provando o quanto eu podia ser amada, daí que fiquei na teoria. Meu pai foi “aposentado” da Universidade na reforma de 68. Acho que foi quando ele desistiu de tudo e começou a morrer. Mas os meus amigos, ou fugiam, ou eram presos –

visitei regularmente um deles, na Tiradentes. Outros passavam pra clandestinidade. Fui ficando cada vez mais sozinha, as minhas irmãs se casando e eu do contra, resolvida a ir morar sozinha, um escândalo. E fui, depois de uns tempos, com o meu namorado, com quem casei dois anos depois, por conta das conveniências de um filho que eu queria ter. Casei no civil, outro escândalo. Veio o filho, foi-se o casamento e o marido. E eu na luta, trabalhando feito louca pra mostrar que eu era muito mais, era a Mulher Maravilha. Até que me dei conta que precisava de ajuda, pra poder crescer e criar, bem e feliz, o meu filho. Foram quatro anos de terapia que, com a maternidade, me fizeram virar gente. E vieram outros homens, um grande amor e o último marido com quem vivi 12 anos e que morreu fazem alguns anos. Meu filho cresceu, muito amado, muito saudável, corpo e cabeça, uma pessoa muito, muito especial. Mas essas são outras histórias...

Como você, tenho nome de avenida, quatrocentona, de um lado, do outro, quase nobre – meus ancestrais estavam entre os fujões de D. João... Sou capricórnio de nascimento, tenho aquário como ascendente e a lua em câncer – isso te diz alguma coisa? Sobrevivi a uma infância solitária, porque embora a gente fosse, nessas alturas, bem classe média, tinha a minha avó rica, os tios ricos, o passado rico e as aparências... Então a gente fingia que era rico, tomava banho com sabonete inglês – Pearl - vivia como rico, freqüentava a melhor sociedade como se dizia à época, as melhores escolas, tinha até aula de dança na Madame Poços Leitão. Acho que a paixão pelo teatro foi decorrência... Sobrevivi, sobrevivemos, minhas irmãs e eu, funda e inapelavelmente ligadas para o resto da vida e nos fizemos, ainda que por caminhos absolutamente diferentes, três mulheres muito fortes.

Ainda não resolvi se gosto do político que você se tornou. Isso de ter virado Excelência me aflige, me desconcerta – como será fazer amor com um representante do povo? Como é que eu fico? Fico ressabiada...

Sou fascinada pelo Sul, até emprestei o nome do meu filho, Rodrigo, do **Tempo e o Vento...**

Até amanhã. Aí te conto mais, afinal é preciso certo mistério... Agora é a tua vez. Beijo gostoso,

Eu, de olhos de Capitu, pura sedução...

### **Domingo, 4 de fevereiro – 13h22min**

Chico, Chico, por onde anda esse Chico sedutor, econômico de palavras, de e-mails raros, mas poderosos, fulminantes, corro o risco de me apaixonar pelo seu mistério, pela sua história revelada a conta-gotas, pela sua poesia. Isso tudo tem cheiro de amor, será? Ai a gente pode se namorar a vida afora, já pensou que bom? Tinha esquecido como era o amor... Sabe aquela música do Chico César que a Betânia canta, “Onde andarás o meu amor”? Pois é, passei a viver isso, tinha a certeza, e tenho, que ainda ia encontrar um amor derradeiro. Venho me guardando pra isso. Será você? Temos tanta coisa comum a partilhar, e a sabedoria de aprender nas diferenças. À maneira do Jorge Luiz Borges, outra das minhas paixões, de tanto desejar o Amor, corro o risco de ter te inventado! Será?

P.S. Tua cisma com o teu nome, tão lindo, é bobagem mas, persistindo, meu conselho: tente a numerologia. De repente é coisa de mudar o ceagá por xis... Tirar o dê, entre o Chico e o Assis, o último esse do Assis pode virar zê!

Pronto: Xico Assiz...

### **Quarta, 7 de fevereiro – 13h38min**

Caríssimo: e a internet e com ela a banda larga voltaram! Aqui no sítio minha conexão parece um vaga-lume bailarino... É o preço que eu pago por esta vida tão ao meu gosto, silenciosa e calma, com gosto de café preto passado na hora e bolo de fubá saído do forno, quentinho. Adoro essa vida que eu finalmente pude escolher para mim e não me sinto solitária, gosto da minha companhia, sempre tive uma necessidade muito grande de ter o meu espaço preservado. Depois, tenho a música, os livros, minhas alquimias na cozinha, meus experimentos criativos, a horta e os fuxicos, os tricôs, o crochê, os retalhos, rendas, bordados e chitas que eu guardo e guardo até ganharem forma numa colcha, uma cortina, quem sabe? E escrever, mas ando preguiçosa e bissexta... E sempre posso recorrer à internet, e, “voilà”, como num passe de mágica, trazer os meus muitos e queridos, amigos e amores, à mesa da cozinha. Adoro a minha casa igualmente quieta, calma, onde botei toda a minha vida e os meus pertences, a louça herdada da avó, o jarro azul, o pé de máquina garimpado num ferro-velho, o relógio que foi do meu pai, os lençóis de linho belga... Vivo bem, apaziguada, com os meus fantasmas, as minhas cicatrizes, e com os meus bichos: o Dempsey, um maltês adorável que me acompanha há 13 anos, e

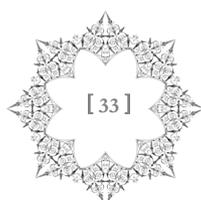
que agora está cardíaco, voluntarioso e impossível, e o Alcides, um papagaio de quase 18 anos que canta ópera... Por conta dos achaques do Dempsey, tenho evitado sair, sinto que ele está indo embora e isso me mata, é mais uma perda... O que me faz lembrar de um cachorro que minha avó tinha e que ela adorava, o Dick. Quando ele morreu, a família resolveu contar que ele tinha viajado, doía menos... Adoro essa história, tão delicada!

Mas enfim, nesses dois dias de apagão, o que me foi enviado, mistérios da internet, se perdeu para sempre, os teus versos, aqueles do Drummond... Você me enviava de novo? Você é um amor, ou será meu Amor?

Tua, sempre,

Capitu

**CONTINUA**



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# adois.com - Parte 2

Por Eleonora de Souza Ramos Pereira

Paulista e paulistana, Eleonora é a quinta geração de uma família apaixonada por São Paulo.

Marketeira de profissão foi só há quinze anos que, a descobrir o terceiro setor, encontrou sua verdadeira vocação, a de contadora de histórias. E é assim que já há 10 anos trabalha como Voluntária no Hospital Beneficência Portuguesa, a princípio só atuando nas alas de pediatria, inclusive do Pronto Socorro e depois, desenvolvendo técnica e repertório, contando histórias para adultos. Na pandemia, Eleonora foi digital. Depois dela, desenvolveu rodas de conversa e oficinas de treinamento para voluntários na Bepe. Leitora voraz, Eleonora escreve contos e crônicas do cotidiano e presentemente está escrevendo as memórias de família, Meus Muitos e Queridos.

Este conto, adois.com foi premiado e finalista na última edição do Talentos da Maturidade.

## **Sexta, 9 de fevereiro – 10h04min**

Sigo te seduzindo, apesar do teu silêncio. Embora o teu pedido, reluto em te enviar um arremedo de um conto erótico: acho cedo pra esses streap-teases, essas intimidades. É, esses anos todos de donzela me fizeram acanhada... E se te nego a carne, que podia até te desencantar e te acender, te mostro a alma e as minhas histórias, que bem podem te encantar. Quando te falei, acho que foi no e-mail de ontem, de fazer o Caminho de Santiago, te contei metade das minhas intenções. Verdade verdadeira é que quero – preciso mesmo – ir até o Vizeu, terra de meus ancestrais – pelo menos parte deles – portugueses, e resgatar as cinzas da minha bisavó Brasília Carolina, paulista da gema e que lá morreu cuidando de uma vinha herdada do marido. Morreu de desgosto, era o que me informava meu pai, D. Brasília era mulher educada, falava francês e tocava piano e foi se enterrar, por conta da tal herança, numa aldeia de analfabetos e ignorantes. Nunca perdoei meu avô por tê-la abandonado, esquecida de tudo e todos, sozinha em terras estrangeiras. Tenho uma fotografia dela, aos cinquenta e quatro anos, uma dedicatória pungente, envelhecida, murcha e triste. Enfim, por caprichos do destino, o túmulo que herdei no cemitério da Consolação foi comprado por ela, D. Brasília e lá todos se enterraram, menos ela. Percebe a justiça poética? Quero trazê-la de volta, para que descanse finalmente – ela e eu – em paz! Mas a minha caminhada até Santiago de Compostela é também parte importante da minha devoção e religiosidade, das minhas crenças mais fundas, porque a vida da gente nada mais é que o Caminho... Mas isso é história comprida, vou guardar pra quando a gente estiver juntos, na rede, quem sabe?

Lá fora o vento aumenta, começa a chuva.

(Hoje à noite eu queria ter ido para a varanda olhar o céu, no escuro, e os vagalumes e, vez ou outra, uma estrela desgarrada, cadente. E inventar histórias, até não saber mais a diferença entre o inventado e o vivido, o que, convenhamos, é absolutamente desimportante).

Tudo isso eu sei no meu coração, no meu sentido. O que não sei e busco é o meu Amor derradeiro. O teu silêncio me dilacera.

Eu, tua?

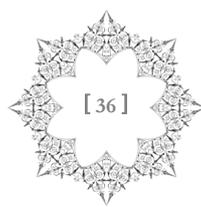
**Sábado, 10 de fevereiro – 12:22**

Cadê meu Chico? Terá sido seqüestrado pelos rivais do teu Internacional? Será que já tem um novo amor? Enquanto isso a minha voz de infância insiste em repetir e repetir a música da D. Sancha: “O anel que tu me destes, era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas, era pouco e se acabou...”

Tua,

Capitu, de olhos grandes de tristeza.

P.S. Nessa madrugada, o meu Dempsey viajou...



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Sem saber jogar, joga-se para ser jogado

Por Luciana Ferreira da Silva

Mineira. Cientista Social, Mestre em Política Científica e Tecnológica. Doutora em Educação. Docente na UNIFESP.  
Acesse: [lucianaferreiradasilva.com](http://lucianaferreiradasilva.com)

Os dias seguiam monótonos para Milena. Mas, como a vida prepara surpresas, uma nova estudante entrou — em processo de transferência — em sua turma de graduação. De início, já se evidenciou uma simpatia entre ambas. Vivian era o nome da nova colega de graduação que, apesar de ser amigável, era geniosa e extremamente introspectiva. Milena era extrovertida e amigável. Logo se aproximou da nova colega. Sendo o curso integral, começaram a almoçar e também fazer os trabalhos juntas, todos os dias. Os meses se passaram e a amizade cada vez ia se consolidando. Milena percebia diversas características de Vivian, especialmente sua introspecção. Passavam muitas horas juntas e a maioria em “silêncio comunicativo”. Aliás, é preciso ter muita habilidade de conviver para lidar com silêncios prolongados. Milena se sentia bem assim. Vivian, por sua vez, não demonstrava emoções facilmente. Mas, se não gostasse, teria se afastado — acreditava Milena.

Os meses se passaram. Milena estava mais entusiasmada com a universidade. O convívio com a nova amiga incentivava os estudos e a presença nas atividades diárias. Elas eram estudantes assíduas e dedicadas. Todavia, Milena percebeu algo estranho no comportamento de Vivian. Na verdade, Vivian era um tanto estranha mesmo. Mas, algo estava diferente na estranheza da amiga. Estava sem concentração, com olhares perdidos e começou a faltar às atividades. Depois de dois dias seguidos de ausência na universidade, enfim, Vivian reapareceu. Sentou-se, como de costume, ao lado de Milena. Cumprimentou-a discretamente e deixou o corpo assistindo às aulas. Milena percebera que só o corpo estava lá, a mente vagava. Era perceptível aos seus olhos atentos que a amiga estava distraída e com pensamento longe. Terminadas as aulas, almoçaram e foram descansar num banco próximo ao espelho d’água. Milena, preocupada, resolveu perguntar diretamente o motivo das faltas e da desatenção. Mas Vivian continuou sem verbalizar absolutamente nada, apenas olhando para Milena. O silêncio se manteve por dezenas de minutos. Milena continuou sentada ao lado da amiga e observando os demais colegas e transeuntes. Cumprimentava a maioria, pois era muito popular — apesar da dedicação à amiga introspectiva, ela sabia conciliar o tempo e atitudes para não se isolar das demais pessoas. Vivian, aparentemente desatenta, mudou o semblante quando Milena cumprimentou outra colega de turma chamada Carolina. Assim que ela passou rumo à cantina, o silêncio foi rompido. Vivian perguntou se Milena poderia lhe fazer um favor. Prontamente, Milena afirmou que sim.

— Você já namorou? Perguntou Vivian.

— Sim, mas, terminamos faz tempo. Hoje, eu e ele somos bons colegas. Mas, você não iria me pedir um favor? Para que saber se namoro? Retrucou Milena, um tanto inquieta.

— Você tem algum problema em relação ao namoro entre mulheres?

Milena olhou fixamente para Vivian, num misto de emoções. Não sabia se preparava para receber um pedido de namoro, uma crítica preconceituosa ou desmaiaria. Enfim, não sabia lidar com tantas emoções difusas diante daquela pergunta. Nem sequer sabia os motivos das emoções difusas.

— Não tenho problemas, é normal. Amor é amor, não gosto de entender de outra forma, considero preconceito. Respondeu desajeitada.

Vivian pareceu se sentir mais leve e segura para, enfim, pedir o favor:

— Tem como você me ajudar a aproximar de Carolina? Saber mais sobre ela, se namora, etc.? Sei que ela namora mulheres. Ela não sai da minha cabeça, estou apaixonada, tenho que admitir. E isto tem me perturbado.

Milena tentou disfarçar outro misto de sentimentos e manteve a voz firme, apesar de estar decepcionada com o pedido e não entender, ao certo, o motivo.

— Você quer namorar a Carolina, então conte com minha ajuda!

Vivian deu um sorriso em gratidão. O silêncio entre ambas voltou até dar o horário da próxima aula e se levantarem para ir à sala. No caminho, comentaram alguns trechos do artigo que estudaram.

As próximas semanas se seguiram sem novidades. Vivian voltou a ser assídua às atividades da universidade. Milena continuou seu convívio com a amiga e conversas com demais colegas. Em sua mente, várias estratégias pairavam na busca por honrar o compromisso de auxiliar a amiga. Começou a se aproximar mais de Carolina e de amigas em comum. Conseguiu confirmar que essa namorava mulheres. De todo modo, essa informação não era novidade. Cada vez que se aproximava do núcleo de amizade e da própria Carolina, maior era a percepção de beleza e apazibilidade. Entendia que estava diante de uma pessoa apaixonante. Mas, como não avançava em sua missão, resolveu

começar a frequentar, em finais de semana, a república de estudantes em que Carolina morava com outras amigas.

Com o passar do tempo, sem mais informações, mas com esperança renovada, Vivian ficou um pouco mais falante com Milena. Não era mais o grande “silêncio comunicativo” que compartilhavam, mas algumas conversas pessoais elaboradas — apesar de breves. Havia uma certa alegria visível e, anteriormente, inexistente em Vivian, perceptível aos olhares atentos de Milena.

Em um sábado, no final da tarde, as amigas de Carolina faziam um sarau e convidaram Milena. Essa tinha planos de estudar, mas acabou optando ir, afinal não cumprira sua missão e seria uma ótima chance de obter mais informações. Ao mesmo tempo, numa outra oportunidade, pediria autorização para levar Vivian com ela. Para variar, priorizou auxiliar a amiga ao invés de pensar em si. O ambiente na república era bem tranquilo. Milena observava todos os detalhes minuciosamente. Queria garantir que a amiga, ao namorar, estivesse cercada de boas pessoas e segura. O sarau estava divertido e diversificado. Muitas músicas de seu gosto e poesias. Milena gostou que não fumavam ou usavam drogas e que, apenas algumas, tomaram um pouco de cerveja. Achou tudo muito tranquilo, saudável, divertido e acolhedor. Mas Carolina não apareceu. Resolveu, então, perguntar por ela. Soube que Carolina não estava se sentindo bem. Isto lhe causou preocupação. Com todo cuidado, para não revelar suas intenções investigativas, Milena conseguiu saber mais sobre Carolina e o motivo do mal-estar e ausência. Carolina não quis participar do sarau, pois estava chateada e chorosa. Ela ficou no quarto para não mostrar sua feição inchada, por chorar muito. Conforme as investigações de Milena, ela tinha um relacionamento bastante tumultuado com uma menina de outro curso. Pelo que soube, o relacionamento durava bastante tempo e Carolina — apesar dos problemas — era completamente apaixonada e, mesmo se terminassem, isto seria devastador por longo período. Ou seja, o cenário não era favorável para Vivian, inclusive, pelo fato de Carolina sempre alegar que não gostava de pessoas muito caladas. Às vezes, não saber de certas coisas é bem mais confortável. Assim, foi a sensação de Milena, ao concluir sua investigação, sem saber o que fazer com os resultados. O fato é que, durante esse período, Milena foi se reconhecendo bastante incomodada. Ao mesmo tempo, a relação com Vivian ficava mais estreita e amável. Algo estava acontecendo com ela e precisava entender melhor. As férias chegaram e cada uma voltou para suas cidades e convívio

familiar. Com o passar dos dias, Milena, em profunda reflexão, queria não acreditar no que era descoberto sobre si.

As aulas voltaram e o reencontro com Vivian não foi tão cômodo, apesar de afetuoso. Milena comunicou que precisava contar-lhe algo. Sentaram no costumeiro banco em frente ao espelho d'água.

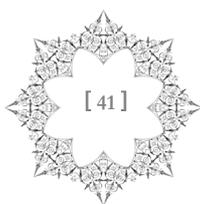
— Vivian, não posso mais te ajudar em relação à Carolina.

— O que aconteceu, Milena? Vivian disse, assustada.

Um instante de silêncio pairou na comunicação e foi rapidamente cortado por um olhar ríspido e incrédulo de Vivian. Milena sequer se deu tempo para pensar sobre como tinha paciência com os silêncios prolongados de Vivian enquanto ela não conseguia esperar nada. Logo respondeu, envergonhada:

— Eu. Bem. Eu. Não posso. Gosto de você. Quero namorar você!

Vivian disparou um olhar raivoso sobre Milena. Saiu e nunca mais compartilhou com ela o “silêncio comunicativo” ou poucas palavras. Tempos depois, Carolina casou-se com a antiga namorada.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Karina

Por Luiz Otávio D. Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex-remador, contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.

Quem é ela, citada com frequência nos meus textos? Ninguém em especial, porém alguém para mim especial. É aquela, todas, que eu quis e ela não. Como teria sido, fico imaginando, se eu estivesse com uma Karina e surgisse outra, também Karina; por qual das duas me decidiria? Sim, existiram e existem muitas Karinas, praticamente uma a cada mês ostenta o título de Karina, por uns dez, doze dias no máximo. Às vezes, perco o interesse antes mesmo de receber um não.

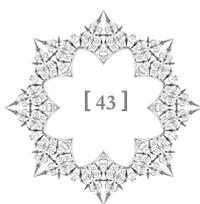
O curioso é que uma ex-Karina não volta a ser Karina. Não tenho o hábito de “dar a volta no quarteirão”. Passou, passou, fim. Já houve o caso de ocorrer um envolvimento posterior, mas aí, já sem aquele sabor especial, perdeu-se o momento, as motivações são outras e o título de Karina está momentaneamente com outra.

É impossível descrevê-la, não há como. Ela é um processo, fruto muito mais da minha imaginação do que da realidade, ainda mais com esse nome... (hoje descabido) que toma formas vivas para efeito de fixação de ideias. Ela é como os pássaros, como as ondas, passa sem deixar rastro. É como a natureza. Uma flor é uma manifestação da natureza, mas não é a natureza e existem várias flores que vêm e vão. Algumas para outras mãos, não importa. Teve o seu momento de Karina? Então valeu – com tempo elas murcham...

Quando acontecer de eu encontrar Karina, aquela que sempre esperei, aquela especial, para quem sou especial, ela terá outro nome – Martha, finalmente a escolhida.

(ah, eu “se esbaldo....”)

*(Texto escrito em 1990, sozinho num bar no final de noite)*



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# A moça de branco

Por Luiz Otávio D. Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex-remador, contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.

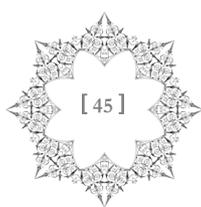
Enigmática, tentadora, distante, presente/ausente, fugidia, assim é a moça de branco. Perdi a conta o número de vezes que passei a noite observando — a na boate, na mesma boate; ela na mesma mesa, sempre com amigas sempre de branco, nunca acompanhada e eu por perto.

Um dia, meu amigo de fé me facilitou uma aproximação (nós sempre nos ajudamos), sabedor de minha admiração e profunda curiosidade. Não me limitei a elogiar-lhe o rosto, a graça, o cabelo — tomei a liberdade de me sentar displicentemente, à sua mesa.

A princípio, ela me tratou apenas com educação, numa atenção discreta falando comigo sem querer falar, mas me fiz de desentendido continuei procurando um diálogo para justificar a minha presença, porém, com cuidado para não me tornar inconveniente. Aos poucos, fui concluindo que minha avaliação à distância era extremamente correta. Era uma mulher que era sem estar e sem ser. Ria sem estar alegre, fechava a cara sem estar séria. Dançava sem querer dançar, acendia e apagava um cigarro após o outro, fumando, querendo não querer fumar. Bebia sem querer beber e sem querer parar. Balançava os cabelos numa euforia de quem queria e não queria entrar em catarse.

Linda, sem querer ser bonita, de uma beleza natural escultural espontânea. Beleza daquela moça de branco que estava ali ao meu lado, sem se interessar, mas também sem não se interessar pelos meus carinhos e elogios. Enfim, ela estava e era sem ser (por acaso nesse dia, não vestia branco).

As três da manhã, fui embora sozinho, querendo ficar e dormi com ela no meu pensamento, sem querer.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Sei que vou te amar

Por Luiz Otávio D. Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex-remador, contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.

A cena se passa no Rio que mora no mar. João e Gilberto, após andarem pela praia até o Leblon, sentam-se para aquele papo furado e um chope gelado num bar de Ipanema. Ao longe, um barquinho vai, desmaia o sol, a tardinha cai.

— Existe uma morena diferente passeando por aí. Olha que coisa mais linda que vem e que passa. Balança toda pra andar.

— Os olhos já não podem ver coisas que só o coração pode entender. Já não sei mais viver sem ela. Meus olhos choram a falta dos seus. Você se lembra dela?

— Só me lembro muito vagamente.

— Seus olhos são duas contas preciosas que, quando encontram os meus, parecem acompanhar a cor do mar.

— Tem dó! Você pretende sustentar opinião?

— Vou te contar. Eu quis amar, mas tive medo. Eu queria brincar de amor e quando telefonei: tuem, tuem, ocupado pela décima vez.

— Também, quem mandou? Começaria tudo outra vez?

— Sim, promessas fiz. É impossível ser feliz sozinho. É o fim do caminho. Se eu pudesse voltar... eu sei e você sabe que eu gosto tanto dela que é capaz de ela gostar de mim.

— É melhor ser alegre do que ser triste.

— Triste é viver na solidão! Vivo sonhando mil horas sem fim, nestes mesmos lugares, na noite, nos bares...

— Um sonhador tem que acordar.

— Só sei que sou louco por ela e pra mim ela é linda demais.

— Quem sabe o inesperado faça uma surpresa?

— Ah, se ela voltar, que coisa louca. Vou vagar por aí pra esquecer.

— Ninguém pode viver de ilusão.

— Que tolo fui eu que em vão tentei raciocinar. Você está vendo só do jeito que eu fiquei e que tudo ficou?

— Pra que sofrer se a lua vai nascer é só o sol se pôr? Tudo isso é paz, tudo isso traz uma calma de verão.

— Inútil paisagem! O meu caminho sozinho é nada. Como é triste se sentir saudade.

— Chega de saudade!

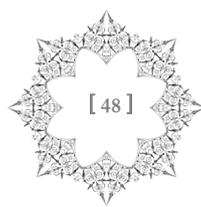
— E por falar em saudade, você sabe o que é o amor? Não sabe, eu sei.

— Às vezes é melhor perder do que ganhar, você vai ver.

— É, meu amigo, só resta uma certeza, só um novo amor pode a saudade apagar.

Escureceu. Uma grande lua que saiu do mar agora brilha no céu imensa e amarela. Os dois, ali na noite vazia, numa boemia sem razão de ser, vão, de conversa em conversa, de palavra em palavra, concluindo que são demais os perigos desta vida; é essa insensatez das pessoas que preferem trocar o sim pelo não; é fim de noite.

(Eu aqui tão só, escrevendo, fico pensando: onde anda você? Pobre de mim que só sei te amar).

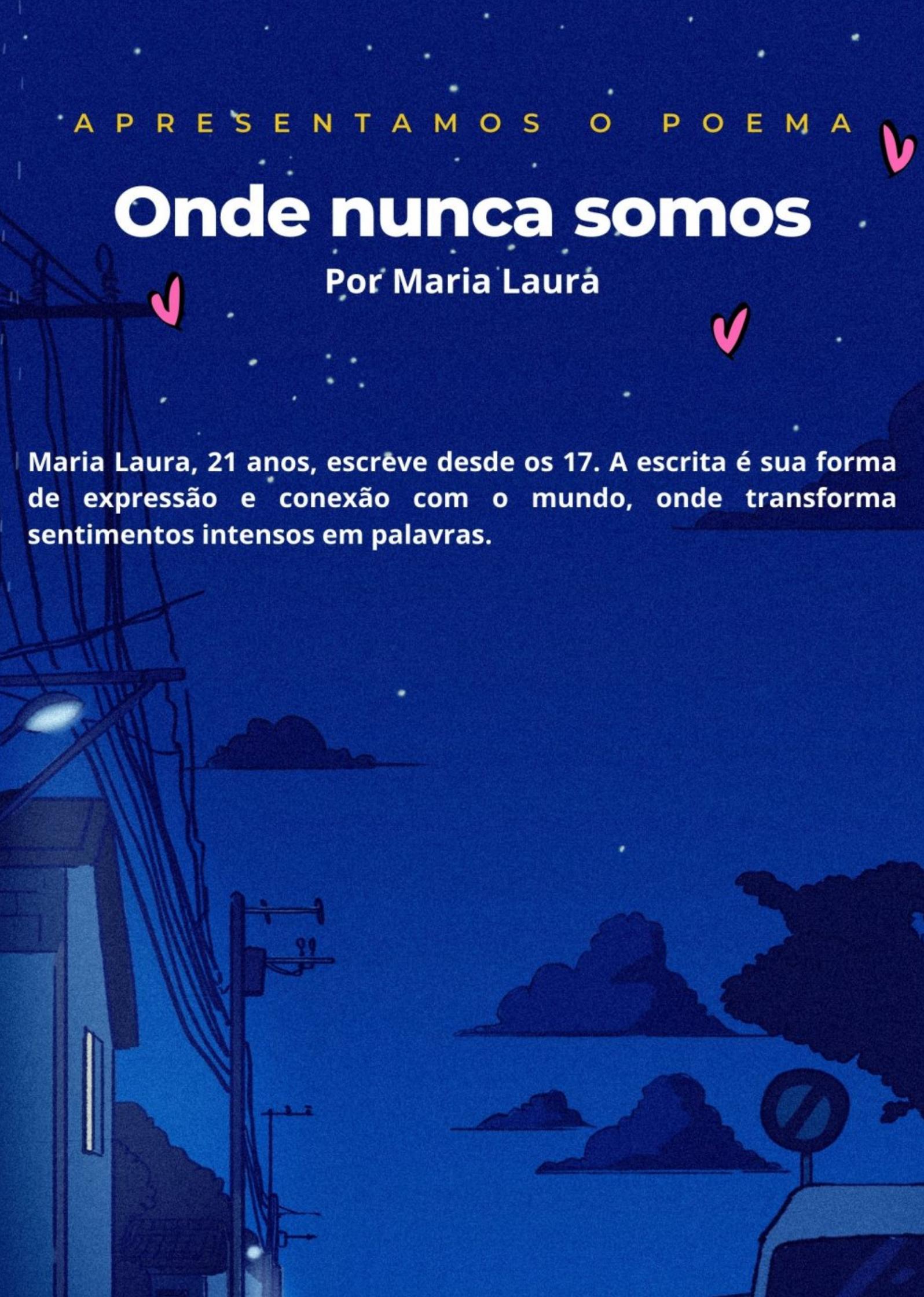


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Onde nunca somos

Por Maria Laura

Maria Laura, 21 anos, escreve desde os 17. A escrita é sua forma de expressão e conexão com o mundo, onde transforma sentimentos intensos em palavras.

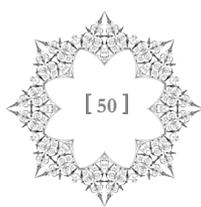


Somos silêncio em ruas opostas,  
O eco de um toque que não se faz.  
Você é o sol que a noite aposta,  
Eu, madrugada que não se desfaz.

No tempo em que quase nos tivemos,  
Cruzamos caminhos sem nos ver,  
E ficamos presos no que não demos,  
Amor que existe só por não ser.

Queria ser tua palavra guardada,  
Um verso teu que nunca termina,  
Mas sou a saudade mal começada,  
Numa espera que a vida declina.

Somos como o verão e a chuva,  
Um instante que não sabe durar.  
Quase amor, promessa turva,  
Onde nunca somos, mas sempre a amar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Livre-se da solidão

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

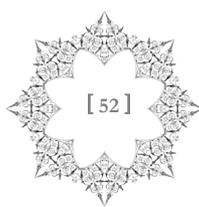
O mundo acha-se sem espaço para tanta gente.  
Gente que se comprime e indiferente se esbarra.  
Como autômatos que parecem não sentir e seguem...  
sem sorrisos nem acenos e sem trocar palavras.

Em meio a aglomerados e imparáveis ruídos,  
a multidão é um grande e triste vazio.  
E os passos quase que coordenados,  
num repulsivo monocromático conjunto.

E chegamos a um culto inconsciente  
que nutre a solidão dos seus seguidores.  
Que são capazes de a uma máquina, beijar  
mas a alguma mão que se lhes dirige, ignorar.

Faça a você mesmo um favor... agarre-se na esperança  
que ainda possa haver e desvie-se de rumar ao abismo!  
Em meio ao grupo, destaque o seu lugar.  
Estenda a mão, dê um abraço e um beijo.

De você e do seu passo, comece a mudar.  
Seja dissonante, desigual e tome outra direção.  
Não marche em uníssono... e do ordinário, fuja.  
Acorde o dormente afeto e volte as costas à solidão.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Ana

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

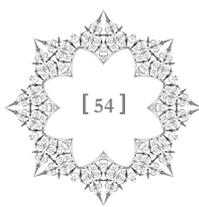
Era uma vez, uma menina  
tão ingênua, quase tolinha.  
Mas, curiosa e viva.  
Ana era o seu nome.

Tímida, ela era também.  
Não se abria, não se revelava.  
Talvez, por insegurança.  
Medo ou desconfiança, talvez.

Tinha os seus defeitos, Ana.  
Mas, acima de tudo, uma virtude  
que a guiava e realçava.  
Determinação era sua divisa.

Ana crescia com seus poréns.  
Mas, entendia que longe queria ir.  
E, nos seus propósitos, era firme.  
O seu futuro... o seu horizonte.

Nunca deixava de sonhar.  
Os sonhos, vitalidade lhe traziam.  
Mas, divisava do real, o onírico  
para não cair da sua harmonia.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Indispensável

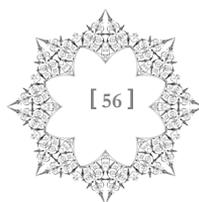
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Se bem ou mal se amanhece...  
se com duvidoso humor...  
se bem-disposta ou não...  
se as horas oprimem ou salvam...  
acima a agenda  
uma xícara de café.

O decurso encaminhado já está...  
a água a ferver...  
a mesa arrumada...  
e a aromática e acastanhada  
delícia... pronta. É só degustar.  
Tudo o mais pode esperar.

Toleráveis se tornam...  
um céu cinzento... ventoso dia  
chuva fria e insistente...  
e outros desconfortos até...  
ao se deleitar com este luxo  
em forma líquida – o café!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Eu-Borboleta

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Quando me ponho a sonhar  
e a gravidade não mais me incomoda  
a novas dimensões eu me elevo.

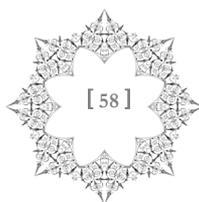
Como uma dormente borboleta  
que em leveza e beleza as asas abre  
eu-borboleta sinto-me a voar.

Na ausência de contenção  
para o paraíso dos sonhos  
além da pura imaginação,  
levada.

Onde "onde" nem "quando" existem.

Onde não há limites nem tempo nem espaço...  
para liberdade e sensações singulares,  
se ascende.

E quando os meus olhos se abrem  
e para a realidade acordo,  
a borboleta adormece.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# 100 BPM - Parte 1

Por Valeria Pagani

Valeria Pagani é escritora e leitora apaixonada desde a infância, nascida na Argentina e criada no Brasil, para onde seus pais fugiram durante a ditadura no Uruguai. Seu amor pela escrita começou cedo, mas foi na pandemia que publicou seu primeiro romance, "Mateus Matias, o pirilampo e o homem que escrevinhava". Suas histórias exploram temas sensíveis e instigantes, refletindo sua vivência multicultural e paixão pela literatura.

Ana olhou para trás, passou os olhos pela sala. Chutou o aparador. Segurou a alça da mochila, apertou forte o skate embaixo do braço. Andou com parcimônia pelo longo corredor. A adrenalina fazia seu sangue pulsar em ondas Saiu de casa, fechou a porta com um certo cuidado. Agora sim, livre.

Tirou o maço de Marlboro de um dos milhões de bolsos da larga bermuda de sarja. Acendeu o cigarro, deu uma longa tragada, sentiu um alívio enquanto soltava a fumaça, agora não teria ninguém para reclamar, estava fumando sim, e era um problema só dela. Guardou as chaves no bolso. Tirou a carteira da mochila, contou o dinheiro, guardou de volta. Tinha ouvido uma vez em algum filme que a liberdade tem um preço, o preço da sua liberdade seria financiado pelo dinheiro que a mãe guardava no pote da cozinha e por metade do seu salário, que não era lá aquelas coisas. Tudo pronto.

No fone de ouvido do walkman, A-ha, e seu *Crying in the rain*, faziam do seu mundo um lugar frio, nebuloso, descolorido. Ana deu mais uma tragada no cigarro, levantou o rosto pálido em direção ao sol. Fechou os olhos. Foi invadida por uma brisa morna de liberdade. Finalmente poderia viver aquela liberdade que a MTV prometia bloco após bloco, a liberdade que Kurt Cobain berrava a plenos pulmões enquanto quebrava suas guitarras nos videoclipes, a liberdade da arte de Basquiat que transformava quadros em pesadelos raivosos. Segundo ela havia lido no dicionário: *a liberdade é o direito de expressar qualquer opinião, agir como quiser; independência*. Porra. Porque ela não podia ter esse direito. Sentiu calor, a camisa de flanela xadrez era por vezes sufocante, mas não tão sufocante quanto a sua vida familiar. Ana precisava respirar. Respirou.

Arremessou o cigarro em direção a rua, tirou o mapa de papel da mochila, conferiu o caminho marcado à caneta, pequenos corações desenhados cuidadosamente marcavam o destino: Terminal Rodoviário Tietê. Um breve pensamento passou pela cabeça de Ana, imaginou a mãe, ao chegar do trabalho e encontrando seu bilhete, chorando, desesperada. O pai consolaria a mãe e procuraria Ana pela cidade, a caçaria como um predador caça sua presa. Mas não encontraria. Ninguém a encontraria a não ser ela mesma.

Colocou o Skate no asfalto, firmou com o pé, partiu em meio ao trânsito. A ladeira a sua frente fazia com que o vento a sufocasse, sorriu, abriu os braços. Era um pássaro em pleno voo. A sua volta, buzinas, freadas, motoristas aos berros, tudo e todos silenciados, abafados, calados pela voz rouca e melancólica de Eddie Vedder, que cantava só para ela em seu fone de ouvido. Os cabelos longos e desgrehados, davam-lhe um ar

de desleixo que fazia com que parecesse mais jovem. Havia completado dezesseis anos em junho mas todos diziam que parecia ter apenas treze. Grande merda, quem liga? Fincou o pé no asfalto para ganhar mais velocidade.

Farol vermelho. Ana viu uma locadora na esquina da rua. Tá aí. Aquela era uma parte divertida de sua vida, a locadora onde trabalhava. Lembrou do pão com banana que a Amália, a dona da locadora preparava. Ana sentiu fome. Sentiria falta do ócio, da diversão e de Amália. Era o preço a se pagar.

Olhou a hora, os braços do Mickey apontavam às nove e meia da manhã. Havia marcado com Marcelo na rodoviária ao meio-dia. Marcelo era a única pessoa que a entendia. O único que a fazia sentir-se amada. O seu sopro de liberdade. Ainda tinha duas horas e meia, podia parar para comer. Virou à direita, parou em frente a padaria. O cheiro de pão e a família sentada na mesa ao lado da entrada a fizeram lembrar de sua infância. Porque a vida havia se tornado uma merda? Andou em direção a uma mesa vazia. Acomodou a mochila e o skate no chão ao seu lado.

— Bom dia, minha linda! Tá sozinha hoje?

— Tô sim Zé. Eu quero um pão na chapa e um chocolate frio.

— Trago já.

— Valeu!

Ana mal podia esperar para encontrar Marcelo na rodoviária. Não sabia como seria a vida de agora em diante, mas uma coisa era certa: estava livre da vida nada familiar que levava a algum tempo. O pedido chegou. Ana engoliu o pão com manteiga por pura fome, estava insosso, tomou o chocolate, parecia amargo. Talvez, tomar café naquela padaria, sem os pais, não tivesse o mesmo gosto. Talvez precisa-se de uma padaria só sua. Pagou a conta, acenou para o Zé e saiu. Precisava continuar, ladeira abaixo.

A trilha sonora do walkman continuava a gritar em seus ouvidos toda a raiva e a indignação que ela precisava ouvir. E assim foi, de música em música de curva em curva até chegar ao ponto de ônibus, levantou um dos lados do fone de ouvido e perguntou a um senhor se o ônibus 175A já havia passado. Ufa! Ainda não. Conseguiu lugar para sentar nos bancos do ponto, colocou o skate entre os joelhos e acendeu um cigarro. A mulher sentada ao seu lado reclamou da fumaça. Ana não ouviu. Estava perdida em meio a tempestade de pensamentos que morava dentro dela.

— Você me ama um montão ou só um tiquinho? — Ana apertava o rosto de Marcelo com as duas mãos.

— Te amo mais do que tudo! — Marcelo pegou Ana no colo e a jogou na cama. Afastou os bichos de pelúcia e caiu sobre ela enquanto tirava a camiseta. — Vêm cá que vou te mostrar. — Começou a levantar a camiseta de Ana bem lentamente enquanto beijava sua barriga. Esticou os braços por trás do corpo de Ana na tentativa frustrada de tirar seu sutiã.

— Também te amo! — Ana segurou os longos cabelos de Marcelo e o puxou para perto de seu rosto. Ele a beijou. — Vamos ficar espertos, meus pais não vão demorar.

— Moça... moça... seu ônibus! — Ana foi resgatada do poço das lembranças com pelo senhorzinho que cutucou o seu braço. Ela agradeceu e fez sinal de parada para o ônibus. Entrou, encontrou um banco ao lado da janela, tirou a camisa de flanela e amarrou na cintura, estava suando. Agora sim, quase lá.

Ana sentiu-se incomodada com o grave ronco do motor do ônibus. Ah! Sua trilha sonora havia acabado. Abriu a tampa do walkman e virou a fita, apertou o play. Morrissey, que assim como ela, estava em pânico nas ruas de Londres. Perfeito! Smiths era a sua banda preferida para andar de ônibus e olhar a cidade. Ana pensou nas grandes cidades que já havia visitado com os pais. Todas iguais, todas caóticas, poluídas e violentas. Ela e Marcelo iriam morar em uma casinha, rodeada de verde, onde ela teria pilhas infinitas de fitas e discos e ele poderia tocar sua guitarra sem ninguém reclamar.

Pela janela do ônibus podia ver os grafites, os mendigos, um sem sentido de gente indo e vindo. Esse era o caos, esse era o Centro de São Paulo. Encostou a testa na janela. Iria até o ponto final. Apertou o skate entre as pernas, enganchou as alças da mochila nos ombros e a deixou apoiada sobre o seu colo. Tudo seguro. Agora podia cochilar.

— Anaaaa! Chegamos, trouxemos pizza! — A voz abafada da mãe vinha da sala.

— Puta que pariu! — Ana empurrou Marcelo para fora da cama. Começou a vestir suas roupas.

— Calma Baby, eu falo com eles. — Marcelo era amigo de Ana desde a infância. — É só falar que estávamos estudando. — Teve a voz abafada pela calça que Ana arremessou em sua cara.

— Shhhhhhhh... fala baixo! — Ana pulava em um pé só enquanto encaixava a perna na bermuda. — Eu vou distrair eles na cozinha enquanto você sai.

Toc... Toc... — Ana? — O pai bateu na porta. — Vem comer.

— Tô indo... — Que inferno. — Murmurou Ana. — Estou terminando de me trocar! — Empurrou Marcelo para trás da porta.

— Eu vou sair. Aí você espera eu chegar na cozinha e sai. — Ana deu um beijo rápido em Marcelo.

— Isso não vai dar certo. — Marcelo estava espremido atrás da porta do quarto. Não teve escolha.

Marcelo podia ouvir a família conversando na cozinha, saiu na ponta dos pés, tênis na mão, meias nos pés. Respirou aliviado. Quase na porta. Foi traído pelo afobamento da reta final, bateu o pé na quina do aparador. Estrago feito. O vaso com flores bambeou. Tentou segurar. Não deu. Em questão de segundos estava em pé no meio da sala, meias molhadas, rodeado de flores e cacos de vidro. Os pais de Ana sem entender muito bem a situação começaram a limpar a bagunça. Esse menino pode cortar o pé. Vai lá Ana pega a pá. Marcelo, petrificado, a pedido dos adultos, esperava, sem jeito, que os cacos fossem recolhidos. Pediu desculpas, iria comprar um vaso novo.

Em algum momento a situação que era quase cômica se transformou em uma espiral crescente de gritaria, cobranças e acusações. Ana Maria Bezerra de Menezes, já sabia que não podia trazer meninos para casa. — Mas é o Marcelo Mãe! — E o que estavam fazendo trancados no quarto? O chupão roxo no pescoço de Ana foi o fósforo sobre a pólvora. Guerra da Família Menezes instaurada. Embargos foram feitos. Ana não sairia de casa a não ser para ir para a escola e para o trabalho. Estava proibida de ver Marcelo. Ele era um menino bom, mas havia se tornado um rapaz rebelde. Estava influenciando Ana. Que futuro teria esse rapaz? Aquele cabelo, aquelas roupas! Ana gritou, chorou, se trancou no quarto, tentou fazer greve de fome, mas era fraca, não conseguia resistir a comida. Nada adiantou. Continuava refém da guerra de nervos. A vida familiar não era mais tão familiar para Ana. Um dia, em meio a uma discussão, Ana chegou ao seu limite.

— Eu não fiz nada de errado. Desde quando fazer sexo é errado. Toooooodo mundo faz, até vocês. — Ana era como uma panela de pressão com o pino travado. Destravou. — Vocês são uns idiotas! — Sentiu a mão da mãe estampando a sua cara.

Ana acordou. Passou a mão no rosto. Ainda doía. Levantou, o ponto final estava chegando. Segurou a mochila em uma mão e o skate na outra, andou em direção a porta de saída. Quando o ônibus parou viu Marcelo em pé do outro lado da rua. Ele sorriu e acenou. Ana desceu do ônibus. Ela estava esperando para atravessar a rua quando sentiu um puxão na mochila, perdeu o equilíbrio e torceu o pé na guia da calçada, não conseguiu ver o trombadinha, só gritou: — Pega ladrão! — Mas ninguém pegou.

Marcelo atravessou a rua correndo. — Machucou Baby? Tá tudo bem? — Ele tentou levantá-la.

— Meu pé! Tá doendo muito! — Ana chorava. Não conseguia apoiar o pé.

— Baby, acho melhor chamar alguém pra ajudar! — Marcelo prendeu, com carinho, os cabelos de Ana atrás das orelhas. — Vou ligar pros meus pais.

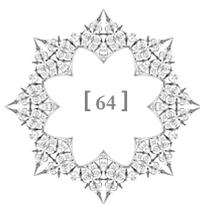
— Não senhor! Eu não vou voltar pra casa! — Ana fez uma tentativa falha de se erguer. Agora rolava de dor. O povo começou a se aglomerar em volta dos dois.

— Baby, eu acho que o seu pé tá quebrado, tá inchando muito rápido! — Ele estava certo, mas não sabia. — Vou te levar pro hospital. — O aglomerado ajudou a chamar um táxi. Colocaram-na deitada no banco de trás. Partiram os dois em direção ao hospital mais próximo. Diagnóstico: tornozelo quebrado. Sentença: seis a oito semanas com a perna engessada. Não podia deixar o hospital sem um dos responsáveis. Que merda! Vieram os dois.

A guerra, que era apenas familiar, expandiu fronteiras. Os pais de Marcelo foram acionados pela embaixada dos Menezes. Agora era fato conhecido, dos dois lados das trincheiras, que Ana e Marcelo, não deveriam se encontrar mais.

Dentro do território Menezes, após a primeira semana, eram visíveis pequenas fagulhas de paz. O pai de Ana tinha três meses de férias vencidas. Ficou em casa para cuidar dela. Assistiam filmes que a Amália trazia da locadora, comiam guloseimas fora de hora e até ouviam música juntos. Ana recebia as amigas à tarde que traziam as lições perdidas da escola.

**CONTINUA**



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# 100 BPM - Parte 2

Por Valeria Pagani

Valeria Pagani é escritora e leitora apaixonada desde a infância, nascida na Argentina e criada no Brasil, para onde seus pais fugiram durante a ditadura no Uruguai. Seu amor pela escrita começou cedo, mas foi na pandemia que publicou seu primeiro romance, "Mateus Matias, o pirilampo e o homem que escrevinhava". Suas histórias exploram temas sensíveis e instigantes, refletindo sua vivência multicultural e paixão pela literatura.

Enquanto isso, no território dos Souza, Marcelo tentou contato com Ana inúmeras vezes, mas encontrou as comunicações bloqueadas pelo policial de fronteira. Semana após semana o convívio familiar estava ficando mais familiar, mas Ana ainda sentia falta do calor, sentia falta de Marcelo. Precisava tirar o gesso o mais rápido possível. Oito semanas se passaram até o dia da retirada definitiva do gesso. Ana não via a hora de ter sua liberdade de volta. Gesso extirpado. Bambeou no primeiro dia, teria que fazer algumas sessões de fisioterapia, mas o pai já podia voltar a trabalhar, Ana estava livre, já conseguia se virar sozinha. Se virou. Foi até a locadora.

— Oi, minha linda! Por que não ficou mais alguns dias em casa? — Amália abraçou Ana com o carinho de sempre.

— Não vim trabalhar, vim te ver e usar o telefone rapidinho? — Ana andou com certa dificuldade para o lado de dentro do balcão. — Preciso falar com o Marcelo!

— Falando em Marcelo! Esqueci. Ele deixou uma coisa pra você! — Amália pegou uma carta e uma caixinha de dentro da gaveta. Ana arrancou o presente das mãos de Amélia.

Sentou-se na cadeira ao lado do computador, abriu a caixinha e tirou de dentro um colar feito de barbante preto encerado e um pingente de meio coração prateado. Vestiu o colar, beijou o pingente. Abriu a carta, a letra de Marcelo mal se deixava decifrar. Ana lia com dificuldade.

*Oi Baby, espero que tenha melhorado do pé. Estou morrendo de saudades! Estou escrevendo mas nem sei como te dar essa notícia. Tentei ligar mas não consegui falar com você. Minha mãe foi transferida pro escritório de Recife e precisamos nos mudar até dia 10 de Novembro...*

— Não, não, não, não pode ser! — Ana pegou o calendário de cima da mesa, a bolinha vermelha marcava dia quinze de Novembro. — Amália, quando ele deixou essas coisas aqui?

— Ixi, acho que foi na semana passada ou na outra. Não levei pra você porque seu pai não ia... Ana já tinha saído.

Nem terminou de ler a carta. Guardou no bolso traseiro da calça e foi para casa. *Kurt Cobain* e *Eddie Vedder* voltaram a ser seus melhores amigos. Depois de alguns dias

tomou coragem para ler o restante da carta. Procurou no bolso da calça. Encontrou apenas pequenos fragmentos do que algum dia havia sido um papel. A máquina de lavar havia aniquilado a despedida. Entristeceu ainda mais. Com o tempo toda aquela fúria motora foi se apagando e dando lugar à uma apatia paralisante. Passaram-se os dias, as semanas, os meses. Marcelo havia partido sem deixar rastros.

Como dizia a mãe de Ana: “O tempo cura tudo”. Ou quase tudo. Aos poucos foi se reerguendo, foi voltando a andar com mais firmeza. Foi seguindo, um passo atrás do outro, só não sabia se algum dia voltaria a correr. Passado um ano já era uma mulher. Estava no último ano do colegial, conheceu Roberto, um homem. Responsável, estudioso. Segundo os pais de Ana: “Um bom rapaz”. Namoraram, noivaram e finalmente se casaram.

O casal morava a duas quadras da casa dos pais de Ana. Ele, um engenheiro sério, pragmático, desprovido de muitas emoções. Ela, uma publicitária em ascensão. Eram felizes. Se é que a vida adulta pode ser feliz.

Era sábado, Ana saiu para comprar flores para colocar no vaso do aparador. Andou em direção à floricultura. Viu sua campanha exposta na banca de jornais, seu trabalho estampado na capa de uma revista. Estava orgulhosa de si mesma. Distraída. Tropeçou, torceu o mesmo pé que havia quebrado anos atrás. A dor era a mesma. O dono da banca saiu para ajudá-la. Ana pediu que chamasse um táxi. O taxista a ajudou a entrar no carro. Acelerou rumo ao hospital. Chegaram. O taxista pediu uma cadeira de rodas. Ana pagou a corrida e foi levada para dentro. Chorava. A mesma dor. Está quebrado, com certeza.

Entrou escoltada por um enfermeiro na sala do ortopedista. Ana estava com o corpo curvado para baixo de tanta dor.

— Posso dar uma olhada no seu pé? Já vou receitar uma injeção para melhorar essa dor. Em uma escala de um a dez, qual o nível da dor?

Ana olhou para cima. Não podia acreditar.

— Ana!? — Marcelo deixou cair a caneta.

Continuava o mesmo de sempre.

— Marcelo! Vem aqui pertinho... — Ele obedeceu, chegou bem perto do rosto dela e foi agarrado de surpresa pelo colarinho do jaleco — PELAMORDEDEUS Marcelo, me dá alguma coisa pra parar essa dor. — Ana não conseguia raciocinar. Não sabia se a tremedeira era provocada pela dor ou pelo reencontro com Marcelo.

Ana tomou a injeção, a dor deu uma trégua. Marcelo trouxe boas e más notícias sobre o resultado dos exames de Ana. Desta vez precisaria de cirurgia. A boa notícia era que ele mesmo operaria Ana. Operou.

Após a cirurgia, Ana foi transferida para o quarto. Sentia a cabeça oca. Estava fora de órbita.

Dormiu.

Despertou com um beijo na mão.

— Marcelo! Que bom que te encontrei! — Ana mal conseguia articular as palavras.

Dormiu.

Acordou.

— Está tudo bem? Está sentindo dor? — O marido ao seu lado segurava a sua mão.

— Parece que uma manada de elefantes sapatearam na minha cabeça. — Ela tentou subir mais o corpo na maca. Ele ajudou.

Ficaram conversando, Ana contou como havia acontecido a fratura. Ele sorriu dizendo que ela precisava prestar mais atenção nas coisas, era muito distraída. Quando Ana já estava bem desperta ele soltou a mão dela, andou em direção a mesinha para pegar um copo d'água. — Quem é Marcelo? — Ele esvaziou o copo em um único gole, sem respirar.

— Como assim? — Ana parecia genuinamente confusa.

— Quando você acordou disse que estava feliz em rever um tal de Marcelo.

Com um clarão repentino a memória de Ana jorrou, densa e forte um turbilhão de imagens. Sentia-se quente outra vez.

— Sei lá, Roberto. Essa anestesia deixa a gente zonza. — Foi o que bastou para aplacar a pobre curiosidade de Roberto. — Ai, Ai... Meu pé está começando a doer. — Ana mudou de assunto.

— Vou chamar a enfermeira. — Roberto foi ao posto de enfermagem no final do corredor.

A enfermeira trouxe uma injeção. A paciente precisava descansar. Roberto explicou que como estava em meio a um projeto grande, precisava voltar para o trabalho.

— Mas hoje é sábado. — Retrucou Ana, enquanto tentava encontrar uma posição menos desconfortável para manter-se deitada.

— Volto no final da tarde e passo a noite com você. — Beijou a testa dela e saiu, estava atrasado.

Ana se aninhou como pode na maca. Esse remédio dava son... Dormiu.

— Você me ama quanto? — Os olhos de Marcelo estavam fixos nos de Ana.

— Você voltou! — Ana tentou se livrar dos braços dele, sem muita vontade.

— Voltei porque nunca te esqueci. — Marcelo colocou os cabelos de Ana atrás das orelhas, as mãos dele encostando na pele dela lhe causavam arrepios. Caíram na cama, Marcelo jogou os bichos de pelúcia para o lado.

— Cuidado com a minha perna! — Ana segurou os cabelos dele. — Porque cortou? Eu gostava tanto. — Se emaranhou nos cabelos dele que agora eram longos novamente.

Ele foi tirando a roupa de Ana como quem abre um presente, devagar. A língua de Marcelo percorria todos os lugares do corpo dela. A mão chegou onde Ana queria. Ela estava trêmula. Sentiu-se molhada.

Abriu os olhos. Puta que pariu. Estava mesmo molhada. Não só ela, mas a cama toda. Chamou a enfermeira que explicou que era normal os pacientes ficarem com a bexiga solta após a anestesia. Dois enfermeiros ajudaram a trocar os lençóis enquanto a enfermeira trocava o avental de Ana.

— Por acaso, você conhece o médico que fez a minha cirurgia? — Ana precisava ver Marcelo.

— Conheço sim. — A enfermeira terminou de dar o laço nas costas do jaleco de Ana, que olhava para a árvore balançando. Se deixando levar pelo vento, do lado de fora da janela.

— Boa tarde Doutor. A paciente acabou de perguntar pelo senhor. — A enfermeira ajudou Ana a se deitar. Monitor cardíaco de Ana: 110 BPM. Ela olhou para o lado e lá estava ele.

Marcelo esticou o braço e examinou o tornozelo dela. Ana não teve reação. Sentia-se anestesiada. Havia sonhado tantas vezes com aquele reencontro que já não sabia se aquilo era real.

— E a dor? Está melhor? — Marcelo aproximou-se dela. Jaleco branco, caneta no bolso. O crachá dizia: Dr. Marcelo de Souza Filho. Meu Deus. Continuava lindo. Continuava o mesmo. Mas o cabelo estava curto.

— Dói um pouco, mas não muito. — Ana tentou fingir normalidade. Mas para ela, nada naquela situação era normal.

— Médico? — Ela ajeitou os cabelos. Devia estar horrível. Todos ficam horríveis em uma maca de hospital. E aquele jaleco, que vergonha. Não era isso que havia imaginado para aquele momento.

— Pois é, não tive como fugir da carreira da família. E você, faz o que? — Marcelo sentou-se ao lado de Ana. Mãos apoiadas sobre o colo.

— Publicitária. — Ana sentiu vontade de tocar nele, sentir sua pele.

— E você, casou? — Continuou ela. Fez um rolo com o cabelo. Uma mexa escapou. Marcelo, esticou a mão, colocou o cabelo dela atrás da orelha. Força do hábito. Guardou a mão no bolso do jaleco. Ana corou.

— Não tive tempo. E você? — Marcelo olhou para a mão de Ana, a aliança deu a resposta antes dela.

— Casei. Com o Roberto. Lembra dele? — Ana girou a aliança no dedo.

Marcelo deu uma gargalhada. A mesma de sempre.

— Com o Roberto? Não consigo imaginar vocês dois juntos. — Marcelo se levantou. Precisava voltar ao trabalho. Segurou a mão de Ana por um milissegundo. — Volto amanhã para ver como você está. Marcelo saiu, deu uma olhada para trás ao chegar à porta. Sorriu.

Ana acariciou a própria mão. Ainda sentia o breve toque de Marcelo. Ficou deitada, inerte. PI... PI... PI... o som do monitor cardíaco era ensurdecido. Pensou no que Marcelo havia dito. Não era só ele que não imaginava a sua união improvável com Roberto. Ninguém conseguia imaginar. Mas seus pais ficaram felizes. A vida prega peças, que se fossem escritas por Shakespeare, não seriam tão desconcertantes. Roberto era como um *Band-Aid* da vida para feridas mal curadas. O curativo se mantinha após anos, sujo, desgastado, enquanto a pele necrosava, silenciosa. PI... PI... Pii. Dormiu.

Ana abriu os olhos, viu o pai que lia o jornal em um canto, a mãe conversava com Roberto no outro. Tentou acordar daquele pesadelo. Percebeu que estava acordada. Conversas banais de adultos hospitalizados preencheram a meia hora seguinte, estava bem, não sentia dor, a alta seria em dois dias. Roberto lamentou não poder dormir com ela, tinha uma reunião importante logo cedo. A mãe não podia deixar o avô de Ana sozinho

em casa, depois da queda ele passou a morar com a filha e o genro. O pai se prontificou a ficar.

— Magina pai, não vai dormir nessa poltrona desconfortável. Eu estou bem, já, já, vou dormir! — Ana ajeitou o cobertor. Preferia ficar sozinha.

Despedidas. Beijos. Abraços. Beijo na testa. Saíram. Pl... Pl... Pl... Pl...

O sono custou a chegar. Ana pegou o livro que a mãe trouxera. Não havia visto qual era. *Madame Bovary*. É brincadeira né. Devolveu a mesa de cabeceira. Ficou olhando para o teto até perder a consciência. Dormiu.

— Você não quer mais chorar na chuva, quer? — Morten Harket disse para Ana enquanto andavam em meio a uma ventania. Era um dia sem cor. Ana ouviu os trovões ao longe. Morten segurou a mão dela. — Só ele pode te dar um dia de sol. — Pl... Pl... Pl...

Ana acordou suando. Que raio de anestesia era aquela. O efeito não passava nunca. Sentia-se como um vaga-lume. Intermitente. Olhou o relógio na parede. Três da manhã. Jogou o cobertor para o lado. Fechou os olhos. Pl... Tic... Pl... Tac... Que ótimo. Agora podia ouvir o barulho do relógio também. Cobriu a cabeça com o travesseiro. Não ouviu o ranger da porta abrindo.

Marcelo viu Ana escondida sob o travesseiro.

— Tá tudo bem? — Ele tentou falar baixo, mas a voz grossa de Marcelo ecoou no silêncio do quarto.

Monitor cardíaco: 110 BPM. Ela tirou o travesseiro da cara. O bip... bip.. apitava, frenético. Marcelo abaixou o volume do aparelho.

— Que susto! O que está fazendo aqui a essa hora? — Ana, ajeitou os cabelos. Esticou o jaleco.

— Meu plantão começa daqui a pouco, só entrei para ver como você estava. — Sentou-se ao lado de Ana. — Não está conseguindo dormir? Quer um remédio?

— Acho que dormi muito durante o dia. — A imagem do sonho voltou em um flash. Morten tinha razão. Sentia-se aquecida ao lado dele.

— Sorte a sua que dormiu à tarde. Eu não durmo a... — Olhou para o relógio de pulso. — Vinte e três horas.

— E como vai conseguir trabalhar assim? — Ana queria abraçá-lo. Cruzou os braços.

Marcelo, fez menção de se levantar. A mão de Ana conseguiu escapar e foi parar sobre a mão dele. Marcelo relaxou. Agora não pretendia sair. Ele colocou a mão sobre a

mão dela. Ficaram assim. O monitor cardíaco mostrava, em silêncio: 140 BPM. Ela tentou se levantar. Ele girou a manivela da cama. Pronto. Agora estava sentada. Passou os dois braços por trás dela, ajeitou os travesseiros. Estavam próximos outra vez.

— Você ainda me ama? — Ana pensou alto. Mas que merda. Ele ouviu. Estrago feito. Ela segurou o cabelo dele como fazia antes. Puxou-o em direção ao seu rosto. Ele se deixou levar sem resistência.

— Mais do que tudo! — Marcelo beijou Ana com o mesmo calor de anos atrás.

— Toma cuidado, pode entrar alguém. — Ana estava ofegante.

— Eu olhei o seu prontuário. Só por curiosidade. — Marcelo sussurrava no ouvido de Ana. A mão dele encontrou o corpo nú de Ana por baixo do avental. — Só tem medicação daqui a três horas. — Doutor Marcelo vai cuidar de você. Ana riu alto. Marcelo segurou a boca dela. Riram baixinho. Tudo continuava igual.

Marcelo tirou vagorosamente os aparelhos que monitoravam Ana. Sabia que seria demitido. Que fosse. Valeria a pena. Abaixou a cama. Beijou o corpo de Ana. Ergueu o avental e pode vê-la por inteiro. Fizeram um amor desajeitado, quente e apressado.

Marcelo vestiu a roupa, ajeitou Ana na maca. Religou o monitor cardíaco. Pronto. Os rastros do crime haviam sido apagados. Voltou a ser Doutor Marcelo, cirurgião ortopedista respeitado. Ajeitou o cabelo dela, precisava iniciar o plantão. Beijaram-se por algum tempo até que ele conseguiu retomar minimamente a sanidade. Saiu com a promessa de voltar mais tarde. Ao abrir a porta, Marcelo trombou com a enfermeira que trazia as medicações de Ana. Puta merda. Já eram as seis da manhã. O plantão dele já estava começando. Correu rumo a ortopedia sob os olhos desconfiados da enfermeira. — Bom dia Rose! Gritou ele do final do corredor.

Ana não tinha mais seus bichinhos de pelúcia, abraçou o travesseiro, suspirou, não conseguia parar de sorrir. Devia ser efeito da anestesia. Os remédios que a enfermeira aplicou trouxeram o sono que ela havia perdido em algum canto escuro da madrugada. Sorriu. Pl.. Pl.. P... Dormiu.

Passou o dia dormindo, e quando não, fingia estar. Chegaram as visitas: os pais dela e Roberto. Ana nunca havia reparado como a voz dele era irritante. Era prolixo, não só na fala. Era prolixo na vida. Deitada, de olhos fechados, pode ouvir a mãe conversando por horas com ele. Ouvia as folhas do jornal do pai intercaladas com pequenas interjeições: Uhum. Hummm. Caramba. Ufa. A hora da visita havia acabado. Roberto beijou a testa de Ana e prometeu voltar ao final da tarde.

A alta estava prevista para o dia seguinte. Ana começava a imaginar o seu retorno à vida tediosa que o suplente de Shakespeare havia roteirizado para ela. A casa perfeita. Projetada por um arquiteto renomado. O emprego perfeito. E não podia esquecer do seu marido perfeito, dono de uma carreira mais importante do que ELES. Ana se viu espelhada em um universo de solidão. Sentia-se só, dentro de suas roupas caras e dos seus sapatos de grife. Tinha como companhia apenas o seu vaso de flores, que vivia inanimado e estático no aparador da sala. Havia se tornado o clone mal feito de sua mãe. A mãe era feliz em sua mediocridade. Ela nem isso conseguia. Chamou a enfermeira.

A enfermeira explicou que o Doutor Marcelo estava a mais de quatro horas em uma cirurgia. Roberto foi mais rápido que Marcelo. Veio apressado, mas não podia deixar de dar-lhe um beijo. Era melhor que deixasse. Buquê de flores na mão. Ana pediu para que ele colocasse as flores no vaso da sala de casa. Amanhã ela estaria de volta. Ele beijou a testa de Ana com a mesma parcimônia de sempre. pi..... pi..... pi..... Monitor cardíaco: 65 BPM. Ele saiu. Ana voltou a respirar.

Duas horas depois, Marcelo entrou no quarto. Trazia uma caixinha antiga nas mãos.

— Sua sorte é que eu moro perto. — Beijou a boca de Ana até deixá-la sem fôlego. — Olha o que eu trouxe pra você. Acho que vai gostar. — Deixou a caixa no colo de Ana. — Deu outro beijo nela e voltou ao trabalho. Prometeu voltar no final do plantão.

Ana abriu a caixinha, dentro dela encontrou um walkman antigo e uma fita K7 A capinha decorada com canetinha. Ela lembrava do dia que havia preparado o presente para ele. Corações, guitarras e boquinhos a la *Rolling Stones* davam o toque romântico. No centro a frase em destaque: TE AMO MAIS DO QUE TUDO. Ela mal podia acreditar. Ele guardou. Ao segurar o walkman nas mãos viu no fundo da caixa o barbante preto e o pingente com a outra metade do coração que pertencia a ele. Ela vestiu o colar e beijou o pingente. O dela estava guardado no porta jóias, fazendo companhia às jóias caras que ganhara de Roberto. Colocou a fita no *walkman*. Apertou o play. *No Doubt* e seu *Don't Speak* a transportaram imediatamente para 1994. Ana se deixou levar.

Roberto voltou no começo da noite. Viu o walkman na mesa de cabeceira. Onde havia arrumado aquela velharia. Se ela quisesse ele lhe daria um Ipod. Ana não queria. Estava feliz assim. Roberto combinou de vir buscá-la na hora da alta no dia seguinte. Precisava ir, tinha que ter uma boa noite de sono para a reunião das seis da manhã com os japoneses. Beijou Ana na testa e saiu. Ana sentiu o estômago revirar.

Marcelo cumpriu a promessa, voltou às três da manhã. Deitou ao lado de Ana, tentou ser delicado para não acordá-la. Ela acordou. Ele queria só descansar um pouco, ajustou o despertador do relógio para tocar em uma hora. Abraçou-a carinhosamente, cheirou os cabelos dela e dormiu. Ana ficou ao seu lado, pensando em quão bizarra era aquela situação. Estavam sendo infantis. Tentavam resgatar um passado que não voltaria mais. Ela já estava com trinta e um anos, não era mais uma menina. Tinha uma carreira, um marido. Acariciou o rosto de Marcelo. Tutu... Tutu... Tutu... Ana mal tinha conseguido pegar no sono e o despertador de Marcelo já estava aos berros. Ele não ouviu. Estava a tantas horas sem dormir que ela se comoveu. Buscou o relógio na mão dele. Apertou o pino. Parou. Ficou ali, olhando para o teto sem saber o que fazer. Depois de tudo aquilo não conseguiria voltar às suas roupas de marca e ao seu marido prolixo. Beijou o rosto de Marcelo.

— Má, acorda! — Ela passou a mão no rosto dele.

— Bom dia Baby! — Marcelo esfregou um olho. Bocejou. Com a medicina ele havia aprendido a dormir em doses homeopáticas. Não que isso fosse bom, mas sabia fazê-lo com maestria. Colocou o cabelo dela atrás da orelha. Ficaram deitados, olhos fixos em cada detalhe do rosto do outro.

— Você acha que estou velha? — Disse Ana abaixando o rosto.

— Se quiser posso te indicar um colega cirurgião plástico que faz milagres. — Marcelo riu. Ana deu um tapinha nele.

— Claro que não sua boba. Você continua linda! E gostosa também! — Ele apertou o corpo de Ana para junto do dele enquanto apalpava a bunda dela. — Maaaas, infelizmente a sua sessão de terapia com o Doutor Marcelo vai ter que esperar. Preciso encerrar meu plantão. São quase seis da manhã. — Marcelo sentou na cama. Vestiu o jaleco.

— Eu tenho alta hoje. — Ana girou a aliança de uma mãe enquanto acariciava as costas de Marcelo. Ana odiava hospitais, mas desta vez queria prolongar a internação. Se possível para sempre.

— Eu sei. O que você pensa em fazer? — Marcelo não queria pressioná-la, mas era uma pergunta inevitável. Ele se afastou um pouco. Precisava vê-la por inteiro.

Ana relutou. Marcelo entendeu o que o silêncio queria dizer. Ele tirou a caneta do bolso jaleco, pegou a capa da fita K7 e escreveu seu número de telefone.

— Me ligue quando souber o que quer fazer. — Deu um beijo infinito em Ana. Saiu sem olhar para trás.

Ana ficou ali, quebrada, imóvel, olhar perdido em algum ponto, não conseguia apertar o play.

A manhã rastejava lentamente em direção a alta. Ana sentiu falta de ar, não sentia-se bem. O telefone do quarto tocou. A telefonista transferiu a ligação: “Seu esposo, senhor Roberto.” Ele balbuciou algo sobre estar preso em uma reunião, não chegaria a tempo para pegá-la, mas mandaria o motorista buscá-la. Tu... Tu... Tu... Ana ficou com a mão apoiada sobre o telefone. Olhou para a fita K7.

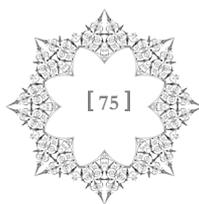
Finalmente o médico trouxe a alta assinada. Podia se vestir. O motorista já a esperava na portaria. A enfermeira ajudou Ana a se vestir. Um enfermeiro da portaria trouxe a cadeira de rodas. Colocaram Ana cuidadosamente na cadeira. O enfermeiro a levou em direção ao elevador. O motorista esperava no térreo. Entraram no elevador. O enfermeiro apertou o botão: S.

Ana olhou para ele pelo espelho do elevador.

— Foi daqui que chamaram um médico para cuidar de uma paciente gostosa? — Marcelo tirou a máscara. Os dois riram desse dia por anos.

O motorista esperou por horas. Ninguém sabia do paradeiro de Ana. Roberto chorou rapidamente enquanto acertava o nó da gravata para a reunião. As flores do vaso ficaram mortas por meses no aparador da sala. Os pais de Ana praguejaram ao saber que o responsável pela TRAGÉDIA havia sido Marcelo. Só podia ser! Ninguém a encontrou, a não ser ela mesma.

Agora moravam no lugar perfeito, uma casinha apertada em um bairro tranquilo da cidade. Para alegria de Ana, Marcelo aplicava o seu tratamento terapêutico nela quase todos os dias. Menos nos dias de plantão. Ana voltou a pintar. Tiveram dois filhos, o Fernando e o Pessoa, dois gatinhos que encontraram na rua. Eram livres e felizes como os adultos podem ser.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**